



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ARISTON DIAS LIMA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

Daniel Sousa de Mesquita

**GILBERTO FREYRE NO MUNDO IMPERIAL PORTUGUÊS:
LUSOTROPICALISMO E OS IMPACTOS DA REVISTA CLARIDADE (1936-1945)**

**SÃO RAIMUNDO NONATO-PI
2024**

Daniel Sousa de Mesquita

**GILBERTO FREYRE NO MUNDO IMPERIAL PORTUGUÊS:
LUSOTROPICALISMO E OS IMPACTOS DA REVISTA CLARIDADE (1936-1945)**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Ariston Dias Lima, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado(a) em História. Orientador(a): Professor Drº Gustavo de Andrade Durão

**SÃO RAIMUNDO NONATO-PI
2024**

Daniel Sousa de Mesquita

**GILBERTO FREYRE NO MUNDO IMPERIAL PORTUGUÊS:
LUSOTROPICALISMO E OS IMPACTOS DA REVISTA CLARIDADE (1936-1945)**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Professor Ariston Dias Lima da Universidade Estadual do Piauí, para a obtenção do grau de licenciado(a) em História.

Este exemplar corresponde à redação final da monografia avaliada pela banca examinadora em 10 de Junho de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Gustavo de Andrade Durão (Orientador)
Universidade Estadual do Piauí

Prof.^a Dr.^a Patricia Teixeira Santos (Examinadora Externa)
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Alcides José Delgado Lopes (Examinador Externo)
Universidade Federal do Vale do São Francisco

M578g Mesquita, Daniel Sousa de.

Gilberto Freyre no mundo imperial português: lusotropicalismo e os impactos da Revista Claridade (1936-1945) / Daniel Sousa de Mesquita.
- 2024.

64 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Curso de Licenciatura Plena em História, Campus Ariston Dias Lima, São
Raimundo Nonato - PI, 2024.

"Orientador: Prof. Dr. Gustavo de Andrade Durão."

1. Gilberto Freyre. 2. Lusotropicalismo. 3. Estado Novo. 4. Revista
Claridade. 5. Identidade Cultural. I. Título.

CDD: 981.061

AGRADECIMENTOS

Gostaria de gradecer primeiramente a Deus, em segundo lugar a minha família, em especial minha Avó-Mãe Maria Assunção de Sousa, que durante todo esse percurso me deu todo o suporte e motivação para eu ir em busca dos meus sonhos, me ajudando em tudo aquilo que podia. Gostaria de agradecer também ao meu Avô-Pai Nelson Ribeiro de Sousa, que infelizmente não está mais entre nós, mas que ao tempo em que se fez presente me deu muitos conselhos, e me incentivou a estudar, para que assim eu pudesse alcançar meus objetivos, sem vocês eu não teria chegado até aqui.

Em seguida queria expressar toda a minha gratidão ao meu Orientador e amigo, Gustavo de Andrade Durão, que durante o curso me deu a oportunidade de participar de dois projetos de Iniciação Cientifica (PIBIC), possibilitando assim que meus horizontes fossem abertos. E, além disso, me aconselhou e ajudou de forma gigantesca para que eu conseguisse chegar até aqui, “Puxou a minha orelha” sempre que necessário, mas sempre com o intuito de me ajudar, me dando assim segurança para prosseguir.

Agradeço também a minha namorada, Vaninha de Castro Silva, que cruzou o meu caminho no ano de 2022, e desde então tem contribuído de forma especial para que eu conseguisse chegar até aqui, dando todo o suporte e não me deixando desistir nos meus momentos de desânimo, fica expresso toda a minha gratidão e amor.

Gostaria de agradecer a todos os professores do curso de história da UESPI, por todos os ensinamentos passados durante esse curso, e aos todos os meus colegas de turma, em especial ao Alex, que se tornou um grande amigo desde o início do curso, e sempre esteve junto nos momentos mais difíceis desse percurso, ajudando em tudo o que podia, e sempre me incentivando a continuar estudando para que eu pudesse assim alcançar meus sonhos, lavarei essa amizade para a vida, além de tudo isso ainda me deu suporte de moradia quando eu precisei, nunca esquecerei disso.

Agradeço também a Kesia que através do PIBIC se tornou uma grande amiga, que sempre me ajudou no que pode, principalmente nos perrengues do estágio, e em tudo aquilo que podia e ao Valdir Eduardo que se tornou um grande amigo que sempre fortaleceu quando necessário, me aconselhando e auxiliando nos perrengues de curso. Lavarei essas amizades em meu coração. Fica expresso minha gratidão a todos vocês e a Universidade Estadual do Piauí.

RESUMO

Esse trabalho busca investigar a Circulação do conceito de Lusotropicalismo criado por Gilberto Freyre, observando Portugal e Cabo Verde como as principais áreas de circulação dessa conceitualização. Destacamos então como se deu a relação entre Lusotropicalismo, e o Estado Novo Português, observando suas possíveis influências neste ambiente político. Por sua vez, iremos refletir sobre a atuação das ideias do intelectual pernambucano dentro das ambientações intelectuais da Primeira Fase da revista Claridade, tendo em vista que o Lusotropicalismo se fez presente nas análises dos intelectuais da Claridade, para entenderem principalmente como se deu o processo de formação sociocultural de Cabo Verde. Por fim iremos examinar o processo de contribuição da nação pela Revista Claridade dentro do ambiente de Cabo Verde, observando as características culturais como principal meio de discussão dos claridosos, além da busca por uma valorização e da consolidação da caboverdianidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gilberto Freyre; Lusotropicalismo; Estado Novo; Revista Claridade; Identidade Cultural

ABSTRACT

This work seeks to investigate the Circulation of the concept of Lusotropicalism created by Gilberto Freyre, observing Portugal and Cape Verde as the main areas of circulation of this conceptualization. We then highlight how the relationship between Lusotropicalism and the Portuguese Estado Novo came about, observing their possible influences in this political environment. Furthermore, we seek to show how the Estado Novo policy worked on Portuguese society. In turn, we will reflect on the performance of the ideas of the Pernambuco intellectual within the intellectual settings of the First Phase of Claridade magazine, bearing in mind that Lusotropicalism was present in the analyzes of Claridade intellectuals, to understand mainly how the process of sociocultural formation of Cape Verde. Finally, we will examine the process of manifestation by Revista Claridade on the idea of nation within the Cape Verdean environment, observing cultural characteristics as the main means of discussion among Claridades, in addition to the search for appreciation and consolidation of Cape Verdeanity.

KEYWORDS: Gilberto Freyre; Lusotropicalism; New state; Claridade Magazine; Cultural Identity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 GILBERTO FREYRE E SUA RELAÇÃO INTELECTUAL COM O IMPÉRIO PORTUGUÊS	13
2.1 Gilberto Freyre e o lusotropicalismo em perspectiva transacial	14
2.2 Gilberto Freyre e a política ditatorial de Salazar	21
3 “ISSO NÃO É ÁFRICA É CABO VERDE”: O LUSOTROPICALISMO NA 1^a FASE DA REVISTA CLARIDADE	28
3.1 Gilberto Freyre e o encontro com os intelectuais Claridosos	30
3.2 A busca por emancipação cultural cabo-verdiana e a mestiçagem entre os Claridosos	36
4 A PRIMEIRA FASE DA REVISTA CLARIDADE E SEUS IDEAIS IDENTITÁRIOS.....	41
4.1 A cultura local sobre os “olhos” da Revista Claridade.....	43
4.2 Identidade nacional no contexto da primeira fase da Revista Claridade	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60

1. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho relaciona-se aos estudos que tem como caráter a investigação sobre a conceituação do Lusotropicalismo criado por ¹Gilberto Freyre (1900-1987), e sua interligação com a Política do Estado Novo Português (1933). Além disso buscaremos compreender a relação entre Freyre e os intelectuais da Primeira Fase da Revista Claridade. Esse trabalho nasceu, através de influências de duas pesquisas PIBIC, a primeira com a temática: “Gilberto Freyre para além do colonial: Lusitanidade e Lusotropicalismo em perspectiva Transnacional (1950-1960)” e o outro com a própria temática do trabalho aqui transcrito: “Gilberto Freyre No mundo Imperial Português: Lusotropicalismo e os impactos da Revista Claridade (1936-1945).

Freyre teve como uma das suas análises mais importantes o estudo sobre a colonização portuguesa, principalmente debatendo a respeito da colonização no Brasil, e sobre as colônias em África. A formação cultural Brasileira no período colonial foi algo bem presente na trajetória intelectual de Freyre, e essa notoriedade é vista na obra “Casa Grande e Senzala” (1933), onde há uma discussão das relações de etnias presentes no Brasil. Nessa abordagem tem-se como uma das características principais a mestiçagem, que segundo Victor Villon, não seria apenas biológica, mas também cultural no mais vasto sentido (Villon, 2010, p.60).

No primeiro Capítulo dessa monografia, iremos tratar a respeito da circulação das ideias de Freyre sobre a política ditatorial de Antônio Oliveira Salazar (1889-1970), que durou de 1933 a 1968 perpassando algumas questões, tendo em vista que o discurso de Freyre foi útil a Portugal no Pós-Segunda Guerra. Desvendar esses fatores é de suma importância para compreendermos a circulação das ideias do pensador em Portugal. E uma das questões abordadas consistiu na forma como o discurso de Freyre foi inserido no discurso de Salazar, trazendo como ponto de reflexão a viagem que o intelectual brasileiro fez a Portugal e suas colônias em 1952.

De acordo com Peter Burke a viagem de Freyre as colônias portuguesas se deram muito pelo fato de uma possível utilização da ideologia do intelectual para benefícios portugueses.

Durante essa turnê as colônias portuguesas, já mencionada que ele criou o termo “lusotropical” para descrever o que considerava ser uma aptidão particular dos portugueses

¹ Um Brasileiro Nascido em Recife no ano de 1900, que ao longo de sua trajetória se tornou Sociólogo, perpassando pela Antropologia e pela História para fazer uma abordagem em algumas de suas obras, a respeito da história do Brasil. Responsável também por formular o conceito de Lusotropicalismo, que perpassou ambientações políticas e intelectuais. (Castelo,2010).

para a tarefa da colonização. Essa alegação foi apropriada pelo regime de Salazar e colocada a serviço da legitimação do império português nos anos 50, época em que este era cada vez mais desafiado pelos colonizadores” (Burke; Burke, 2009, p.285-286).

A face transnacional sobre o conceito de Lusotropicalismo deve ser compreendida, tendo em vista que houve uma grande movimentação desse conceito, entre Portugal, Brasil e Cabo Verde. Essa notoriedade muitas vezes é desconhecida, ao trabalharmos essas questões iremos promover um olhar mais reflexivo sobre a participação do conceito de Lusotropicalismo dentro dessas sociedades, além disso observamos de que modo esse conceito foi utilizado. De acordo com Peter Burke a viagem de Freyre às colônias portuguesas se deu porque houve uma possível utilização da ideologia do intelectual para benefícios portugueses, considerando que Freyre já era renomado internacionalmente (Burke,2015).

No segundo capítulo, buscaremos caracterizar a relação entre o Lusotropicalismo, e suas contribuições com o debate intelectual da revista Claridade, investigando que ainda na década de 1930, os Claridosos tiveram influência das analogias de Freyre. A Revista Claridade surge por volta de 1936 e se originou de uma base intelectual letrada de Cabo Verde com a direção a princípio de Baltasar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa. A revista tinha como objetivo a afirmação da caboverdianidade, exaltando a língua crioula e os hábitos do homem caboverdiano. (Matos,2015, p.510). Dentro dos primeiros debates da Claridade a mestiçagem entra como um dos principais fatores de interligação entre o intelectual brasileiro, e os intelectuais claridosos. Washington Mendes, afirma que as principais influências dos aspectos da mestiçagem vieram de Gilberto Freyre (Mendes,2022).

No e terceiro capítulo as ideias de Taciana Almeida Garrido de Resende, foram utilizadas para compreendermos relação entre Freyre e os intelectuais da Claridade, além da percepção de como a Claridade trouxe um debate relevante sobre a Identidade cultural do arquipélago de Cabo Verde. Ademais investigamos a escrita de outros diversos autores como, Benedict Anderson e Gabriel Fernandes, que trazem uma discussão sobre o conceito de nação, e suas diversas características, Simone Marques e João Paulo Madeira também foram de suma importância para percepção sobre a Revista Claridade em Cabo Verde.

Uma das abordagens dessa pesquisa é a análise de como as teorias de Freyre podem ter gerado uma visão mais amena da colonização portuguesa. Nesse sentido, além de um debate historiográfico sobre a abordagem do português colonizador, devemos ressaltar como era recebido o conceito de Lusotropicalismo nas colônias, e como essa ideologia foi interpretada

com o passar do tempo no território das colônias Africanas, mais especificamente em Cabo Verde. Nesse sentido deve ser discutido a visão do intelectual pernambucano sobre as relações presentes no cenário cultural.

Para Freyre, na *Casa Grande e Senzala* (1933), dois séculos de presença colonizadora lusa no Brasil teriam sido um sucesso baseado na especial aptidão lusa para se adaptar aos trópicos, alicerçando-se o saber luso na mobilidade, na miscibilidade e na facilidade com que o português se aclimatara ao mundo tropical, de modo que esse processo, no seu conjunto, podia ser descrito como um equilíbrio entre antagonismos (Medina,2000, pag.52).

A Revista Claridade por sua vez tinha como pano de fundo a caracterização da formação sociocultural do arquipélago de Cabo Verde, com um olhar voltado principalmente sobre os aspectos culturais. Iremos circular principalmente pela primeira Fase da Revista Claridade, que compreendia como as três primeiras edições lançadas, entre 1936 e 1937. A temporalidade do projeto se estende até 1945, pelo fato de que a segunda fase da Revista só tem início em 1947, durante o período de pós-guerra.

Compreende-se ainda que o surgimento da Revista Claridade (1936) pôde legitimar a recepção positiva do lusotropicalismo em um primeiro momento, para que no imediato pós Segunda Guerra (1945), a intelectualidade cabo-verdiana pudesse repelir a mestiçagem do construto ideológico para a cabo-verdianidade nascente. Sobre tal perspectiva é possível compreender o quanto a circulação dessas ideias ainda deixa muitos vestígios para pensarmos o papel de protagonismo dos intelectuais no mundo contemporâneo.

Pautando os objetivos específicos, trataremos a respeito da utilização do conceito pelo governo português tendo em vista que no pós-Segunda Guerra, Portugal necessitava de um novo discurso para mantimento do seu governo e o conceito do intelectual pernambucano pode ter servido de base.

A colonização entra nesse trabalho como um dos fatores de destaque em meio a essa ambientação que envolve Gilberto Freyre, e os Intelectuais da primeira fase da revista Claridade, tendo em vista que Freyre buscava realçar no Lusotropicalismo a colonização do Brasil e a formação social que se deu no processo histórico. Já os intelectuais claridosos, estavam em meio a um debate, que tinha como foco Cabo Verde, cuja a colonização portuguesa aconteceu em por volta dos anos de 1460, houve diversos impactos com as ideias dos claridosos pois houve uma busca por trazer à tona uma nação, fazendo fortemente uma analogia com as manifestações culturais da sociedade caboverdiana.

A própria ideia de cabo-verdianidade ganha força com a claridade, pois a ideia não era assumir o papel nem do Português nem do africano, mas sim manifestar o caráter que se

formulou com a relação social entre esses dois grupos, “Sendo assim, o povo cabo-verdiano possui características próprias (Marques,2019, p.262)”. Essa face dos caboveridianos é relevante, pois para compreendermos a ideia de cabo-verdianidade, deve ser levando em conta a cultura que era exercida pelos caboveridianos, a qual possuía uma rica variação.

No terceiro e último Capítulo iremos trazer um foco na Primeira fase da Revista Claridade, com o intuito de refletir sobre a importância do papel que ela teve dentro de Cabo Verde. O arquipélago de Cabo Verde teve mais de 500 anos de colonização, com isso houve uma unificação cultural e social no seu território, considerando que a colonização se manteve presente por tanto tempo. Os percursores da claridade tinham um debate bastante relevante nessas ambientações, uma tentativa de emancipar a cultura de Cabo verde através da literatura e da imprensa, esta última desenvolvendo papel significativo dentro dessas discussões. O dialogo posto dentro da revista foi de forte influênci, ou seja :

Assim, a partir da década de 1930, de forma gradativa, Cabo Verde é interpretado a partir dessa concepção regional, sendo o arquipélago concebido como região dotada de especificidade e identidade por um grupo de intelectuais, muitos dos quais reunidos na concepção da revista Claridade, marco inaugural de um período gestado desde o começo da década (Resende,2015, p.75).

A analogia do Lusotropicalismo e sua transnacionalidade irá nos possibilitar o entendimento sobre o papel de Gilberto Freyre dentro da política do Estado Novo, além da sua inserção na elite letrada de Cabo verde, que se manifestou dentro da Revista Claridade. Contudo no que tange a Claridade percebe-se que houve influências de outras escritas de autores brasileiros, sobre isso iremos nos aprofundar melhor no desenvolver do trabalho. Assim, buscamos elementos importantes para a compreensão da circulação das ideias e a construção das identidades africanas, no caso específico Cabo Verde, um país muito relevante na História da África.

2. GILBERTO FREYRE E SUA RELAÇÃO INTELECTUAL COM O IMPÉRIO PORTUGUÊS

O presente capítulo tem como objetivo abordar e contextualizar a conexão entre Gilberto Freyre (1900-1987) e o sistema imperial de Portugal, com uma maior ênfase nas conceituações presentes durante nessas aproximações. É importante observar a circulação das ideias do intelectual, além disso observar o contexto da época, levando em conta as características políticas e culturais que se relacionam, com um olhar sobre a Lusitanidade, que possibilitou a influência entre os territórios colonizados pelos portugueses.

Alguns pontos serão trabalhados com intuito de interpretar as questões que perpassam as relações existentes entre a ideologia de Freyre e a política imperial Portuguesa. Uma das questões é desvendar qual à real intenção do Estado Novo português (1933-1975) quanto as percepções de Freyre sobre Portugal, tendo em vista que o professor Antônio de Oliveira Salazar, então presidente da época, só se preocupou mais fortemente com Gilberto Freyre, quando sua obra foi útil ao estado a partir da década de 1950. Segundo Taciana Resende: “O pós-1945 exigia um novo discurso. Por isso, em 1951, Gilberto Freyre foi convidado por Sarmiento Rodrigues, então ministro do Ultramar, para realizar uma viagem de fins científicos pelas possessões portuguesas. (Resende, 2015.p,103)”.

Cláudia Castelo aponta algo em concordância com essa ideia: “Paralelamente à difusão externa de um discurso pontuado por referências mais ou menos explícitas e mais ou menos fiéis ao luso-tropicalismo, o Estado Novo apostava na vulgarização das ideias de Freyre nos países representados na ONU (Castelo, 1989.p,99)”.

Iremos investigar pela vertente lusotropical, que realça em seu pano de fundo as características Coloniais do império, e buscar responder qual o uso feito do conceito de Lusotropicalismo pelo então governo de Antônio de Oliveira Salazar durante sua estadia sob o comando governamental de Portugal. É importante nós atentarmos às situações que o mundo passava naquela época, na década de 30, tinha -se um pós-primeira guerra, onde as ideologias Fascistas cresciam significativamente, possibilitando assim o crescimento do totalitarismo. De acordo com Fernando Rosas:

Uma crise multímoda, que se revelou na transição do século XIX para o século XX, conhece o drástico agravamento com os impactos da Grande Guerra e com as crises económicas e financeiras subsequentes de 1921 e, especialmente, a Grande Depressão de 1929. Ou seja, o grande cenário para emergência dos fascismos na Europa é a crise

do sistema liberal: o fascismo quer-se a si próprio como uma tentativa de solução para os impasses práticos e teóricos do liberalismo (Rosas,2019, p.38).

É importante também destacar a percepção sobre a transnacionalidade que se alia ao conceito de Lusotropicalismo, e ao próprio Gilberto Freyre, o pesquisador que já havia conquistado reconhecimento com essa conceituação, havia percorrido territorialidades distintas, como por exemplo; Brasil, Portugal e alguns territórios africanos, no caso em questão que daremos enfoque a Cabo Verde.

De todo modo, antes de nos percebermos imersos nas teorias de Gilberto Freyre, e nas percepções e debates dos intelectuais da Revista Claridade, temos que perpassar pelo conceito de intelectual, ou seja, perceber a imensidão que essa vertente percorre. Em se tratando do movimento Claridoso² e do Lusotropicalismo, por exemplo, percorreu-se diversas sociedades, e foram trazidas discussões a respeito de formações socioculturais. Porém descrever esse conceito não é uma missão tão simples. Como tratou Helenice Silva em seus assuntos acerca das circulações de ideias:

Essencialmente francesa, a noção de intelectual tem um caráter, em suma, polissêmico. Toda tentativa de definição desse conceito, cuja acepção se modifica segundo a própria evolução da sociedade francesa e da história, perece problemática. Assim, as diferentes épocas fornecem modelos distintos de representação do intelectual (Silva.,2002, p.14).

Através dessa analogia, podemos perceber que o conceito “intelectual” não se fecha apenas a uma única explicação, ou seja, a uma grande gama de possibilidades dentro do conceito, e dos próprios diálogos e análises que os intelectuais realizaram, esse foi o caso de Gilberto Freyre e os Intelectuais da Primeira fase da Revista Claridade que trouxeram diversos debates dentro do campo da intelectualidade, representando diferenças nas concepções de suas ideias.

2.1 Gilberto Freyre e o lusotropicalismo em perspectiva transacional

A narrativa lusotropical é importante para entendermos a análise de Freyre sobre a colonização portuguesa. Essa abordagem conceitual começa a transitar pelo cenário intelectual

² Esse movimento se fundou na década de 1930, através da Revista Claridade, no arquipélago de Cabo Verde, uma das principais discussões desse grupo era a busca por uma emancipação cultural(Resende,2015). No próximo capítulo adentramos a fundo essa questão.

brasileiro ainda na primeira metade do século XX, quando Freyre começa discutir possíveis relações étnicas no Brasil. Procuraremos compreender ainda a relação existente entre o Sociólogo brasileiro e os Lusitanos³, pois percebemos um interesse e aproximação do autor com a cultura e nação a portuguesas, principalmente depois da década de 1930, quando o autor começa a discutir a influência de Portugal na cultura do Brasil. Dentro disso devemos observar o que o intelectual expressava ao buscar caracterizar a conceitualização lusotropical:

Lusotropical é como hoje creio que se deve caracterizar tal sistema, dá à cultura Lusitana condições excepcionais de sobrevivência na África, na América e no Oriente. Num mundo que já não é uma expansão imperial ocidente em terras Consideradas de populações todas bárbaras de culturas todas interiores a Europeia [...] (Freyre,2010, p.115 apud Mendes,2014, p.164-165).

Percebe-se uma narrativa de caracterização colonial dentro desse conceito, que dá sentido a uma colonização “diferente” das de outros impérios. Além disso, Freyre busca trabalhar a caracterização de uma colonização transnacional, ou seja, que percorre sociedades diversas, e que mesmo com as diferenciações culturais das sociedades percorridas, a narrativa lusotropical traz um requinte de uma adaptação mais “humanitária” aos trópicos.

Dentro dessa perspectiva transnacional devemos entender um dos fatores que segundo o autor, trazia uma maior adaptabilidade aos trópicos, através da mestiçagem. Pois ela se baseava na explicação da formação cultural dos territórios colonizados, dentre eles o Brasil e Cabo Verde. Essa mestiçagem se dava na cultura portuguesa também, na qual percebia-se uma mestiçagem social. Além disso, o conceito lusotropical busca entender a aproximação entre esses territórios que tinham a mestiçagem presente na sua constituição social, como enfatiza Rafael Leme:

[...] o lusotropicalismo pretende estudar os fatores de aproximação entre todos os grupos lusodescendentes do globo, aproximação esta que é “consequência da mestiçagem que tem criado ambiente e temas comuns para estudos e pesquisas científicas” em todo o complexo de grupos que constituem o “mundo lusoafroasiático-brasileiro (Leme,2011, p.37).

Podemos observar a mestiçagem, como laço característico das sociedades por onde ele percorreu, além da característica dos trópicos. A mestiçagem engloba um grande leque de caracteres, ou seja, ao adentrarmos esse conceito temos que perceber a dimensão na qual ele se insere. Não podemos perceber a mestiçagem apenas como uma “mistura de raças” biológica, mas sim algo que vai além:

Podemos definir miscigenação, ou mestiçagem, como a mistura de seres humanos e de imaginários. Tal conceito é amplo e pode abranger tanto a chamada mestiçagem

biológica, a mistura de raças, quanto a mestiçagem cultural, e suscita atualmente debates e controvérsias (Silva K; Silva M,2009, p.190).

Com esses fatores, temos uma visão mais clara do porquê a mestiçagem foi um fator primordial dentro das discussões de Gilberto Freyre. Percebendo a importância das atividades biológicas e culturais, ou seja, ao estudarmos as análises de Freyre, notamos uma maior preocupação com as influências que Portugal poderia transpassar aos outros povos, transmissões essas que estavam em maior parte dentro dos campos biológicos e culturais.

Em suma, podemos compreender que o Lusotropicalismo estava interligado diretamente com a mestiçagem, por conta disso Gilberto Freyre sempre buscou comparações entre territórios colonizados por Portugal. A ideia de Freyre tem como base realçar os benefícios dessa mistura racial, porém mostrando uma “superioridade” dos Europeus.

A mestiçagem trem produzido nesta Índia combinações de cores e formas humanas que se assemelham às produzidas no Brasil pelo cruzamento de europeus com tupisguaranis: esses tupis-guaranis que vêm sendo pela sua graça de formas e doçura de alma uma das inspirações mais fortes e constantes da poesia, do romance, da escultura, da música no Brasil (Freyre,2010, p.129).

Claudia Castelo é uma teórica importante no cenário Português pois , ela faz uma análise do que o conceito de lusotropicalismo busca mostrar e por onde ele circulou, isso é bastante explícito em partes da sua obra “O modo português de estar no Mundo”. No que diz respeito as questões culturais, a autora traz uma análise da recepção da obra de Freyre em Portugal a partir da década de 1930 a 1940:

Parece-nos que os intelectuais de direita, sobretudo Osório de Oliveira e Manuel Múrias, fazem uma interpretação nacionalista da teoria gilbertiana: põe a tônica na especificidade da colonização portuguesa e, de certa forma, manipulam as ideias de Freyre. Por seu turno, os intelectuais de esquerda são geralmente mais críticos; fazem uma leitura mais profunda da doutrina, confrontando-a com a realidade histórica e com a prática colonial em África no presente (Castelo, 1998, p.,80).

Essas discussões relativas a autores no campo cultural de Portugal a partir da década de 1930, são significativas para percebermos as diversas visões a respeito de Gilberto Freyre em Portugal. E Claudia Castelo aponta um viés de autores que viam com bons olhos a obra do sociólogo, como pode se perceber:

A importância da teoria de Freyre reside, segundo Múrias, em reconhecer que a tendência geral do colono português para a mestiçagem conferiu aos povos da América, da Ásia e da África de formação lusitana, condições especialíssimas de unidade psicológicas e de cultura (Castelo, 1998, p. 76).

É interessante observarmos a percepção de outros autores a respeito das ideias de Freyre, uma delas e a de Rafael Leme que se relaciona o Lusotropicalismo a uma perspectiva mais

voltada a de explicação colonial: “O lusotropicalismo, também chamado de lusotropicologia é o estudo da colonização portuguesa na América, na África e na Ásia. Caracteriza-se pela busca de traços da experiência colonizadora portuguesa nos trópicos (Leme, 2011, p.36).”

Passando para o cenário internacional, temos diversas argumentações sobre o trabalho de Gilberto Freyre. Ao investigarmos a trajetória de influências de Gilberto Freyre em Portugal, compreendemos os diferentes tempos em que sua obra transitou pelo campo cultural e político. De acordo com Claudia Castelo:

Nos poucos estudos em que a questão é abordada, distinguem-se dois momentos na recepção do luso-tropicalismo em Portugal: um primeiro momento, situado nos anos 30-40, em que as teses de Freyre são recebidas com muitas reticências; e um segundo momento, a partir dos anos 50, em que o luso-tropicalismo é incorporado e adaptado pelo discurso oficial do salazarismo (Castelo, 1998, p.69).

Não se tem uma unanimidade consensual a respeito das obras de Freyre, ou seja, sua produção alcançou pontos que foram apoiados como vimos acima, e outros criticados por muitos autores portugueses e autores africanos, mas é importante nós atentarmos as temporalidades como foi colocado acima pois sua obra teve diversas relevâncias em cada tempo.

Não podemos ver Gilberto Freyre associado apenas ao lusotropicalismo, pois ele foi antropólogo, Jornalista e político (sendo eleito deputado em 1946, na cidade de Recife), além de ser Professor. Ao longo de sua trajetória como escritor, escreveu dezenas de livros, e artigos trazendo relevantes discussões para os meios socioculturais e político. Então ao tempo como falamos de Gilberto Freyre, não podemos nos esquecer dessas tratativas, mesmo tendo foco no conceito de lusotropicalismo.

Segundo Resende, “os estudos de Freyre tiveram respaldo no Mundo Atlântico, porém circulou por campos críticos e de simpatia (Resende, 2015, p.93).” Burke, associa o Hibridismo cultural, como uma das características de Freyre mundo a fora, pontuando que: “Dentre esses fatores estão o “hibridismo cultural”, ou seja, a mistura racial e cultural de determinadas culturas. Outra questão apontada é o imperialismo cultural, que é uma modalidade que influência a uma determinada cultura. (Burke, 2015, p.204).

A associação de Freyre ao Hibridismo Cultural, está vinculada principalmente por suas discussões sobre a empreitada colonial portuguesa no Brasil. Porém essa associação não está ligada apenas ao Brasil, ela percorre territórios distintos, como é o caso de Portugal e suas colônias em África. Cabe ressaltar que havia um apreço de Freyre a colonização portuguesa, e mesmo com a teoria do Hibridismo Cultural, Freyre buscava sempre mostrar Portugal com um

aspecto de superioridade, “Freyre acreditava que era possível aos portugueses apresentarem-se como força hegemônica do processo de hibridismo, mesmo depois das tantas misturas provocadas pelo contato com os africanos (Melo,2014, p73)”.

Entre outras questões percebemos que o intelectual pernambucano tinha uma visão de que os portugueses se articulavam como mediadores entre a cultura Europeia e os países nos trópicos que estavam sendo colonizados, mantendo assim características culturais unificadas, como aponta Adriano de Freixo:

De forma sintética, para Freyre a colonização portuguesa seria um exemplo de colonização bem-sucedida devido ao alto grau de adaptabilidade do português ao trópico, visto que ele, ao invés de deseuropeizar-se, teria se transformado em um “intermediário” entre os trópicos e a Europa. Ou seja, o português teria se “tropicalizado” sem deixar de ser europeu (Freixo, 2015, p.476).

A colonização portuguesa foi bastante marcante em sua forma de atuação e duração. Diante disso devemos desvendar o que de fato é uma colonização, e para compreendermos tal fato, temos que entender a suas características:

Assim, para Bosi, uma colonização é um projeto que engloba todas as forças envolvidas nos significados do verbo colo. Ou seja, colonizar significa ocupar um novo chão, trazer a memória da terra antiga (o culto) e transmitir práticas e significados às novas gerações (a cultura). Mas, se o significado de colo é cuidar, também é mandar, e o autor ressalta que dominar, explorar e submeter os nativos também são sentidos inerentes à colonização (Silva, H: Silva, V,2005, p.68).

E nossa investigação, entre outras questões busca abordar quais as utilizações e rejeições que foram destintas a tal conceito, perpassando ainda pelas suas características. De acordo com Rafael leme, “O lusotropicalismo não deixa de compreender uma dimensão mitológica, especialmente quando se refere ao heroísmo português nos séculos XV e XVI[...] (Leme,2011, p.21)”.

Com isso, devemos perceber como o Lusotropicalismo é bem complexo, pois ele vai percorrer conjunturas coloniais dos países colonizados pelos portugueses, ou seja, são diversas sociedades envolvidas. Além de tudo, por estar dentro desse universo historiográfico, ele não se prende apenas a uma narrativa, ou interpretação, vai muito além, e isso é possível através das análises historiográficas e algumas nuances formais. Ao longo do tempo vão surgindo autores e pesquisadores com perspectivas que vão dando novos horizontes a determinados fatos, como o caso citado.

Rafaela Silva (2022) por exemplo destaca percepções bem relevantes dentro desse conceito:

Acerca do tropicalismo, Freyre nos faz entender sobre um novo conceito, para isso o autor busca relatar como o termo "tropicalismo" era associado pejorativamente ou de forma depreciativa. Segundo ele a civilização europeia, procurava negar os valores

tropicais. Entretanto, houve uma reabilitação desses valores, os trópicos passam a ser valorizados e isso se devia em grande parte à colonização portuguesa. Sendo assim, destacamos que a contribuição portuguesa foi de grande valia aos trópicos, principalmente se levarmos em consideração a referência feita pelo intelectual acerca do complexo lusotropical, segundo o qual compreendia um conjunto de culturas, onde o lusotropicalismo se encontraria a margem. Dessa maneira, percebe-se que a cultura portuguesa fazia com que os trópicos ganhassem novos conceitos (Silva,2022, p.35)

A autora destaca alguns elementos relevantes para compreendermos a heterogeneidade em que o conceito se baseava. Uma das principais características é da discussão cultural dos trópicos, nas quais a colonização e a política imperialista portuguesa de Salazar (1933 -1974), estiveram presentes, pois, essa base ideológica serviu como forma explicativa, das colonizações feitas por Portugal. Isso se assentava principalmente em colônias africanas e no Brasil, onde o conceito não foi totalmente aceito.

Mais para buscarmos o entendimento sobre a perspectiva do sociólogo brasileiro, devemos fazer uma análise sobre sua própria produção. Para isso devemos observar alguma das narrativas postas em seu livro “Um Brasileiro em Terras portuguesas” [1953]. Essa obra foi resultado da viagem que o autor fez pelos territórios da África, a convite do então Ministro Sarmiento Rodrigues. Em algumas partes do livro ele realiza uma espécie de diário de viagens, onde foi descrevendo aquilo que lhe chamava atenção durante a suas conferências pelas colônias portuguesas, como podemos perceber na sua fala a respeito da ilha da madeira:

Irmã mais velha do Brasil é o que foi verdadeiramente a Madeira. E irmã que se extremou em ternuras de mãe para com a terra bárbara que as artes dos seus homens, mestres da lavoura de cana e da indústria de açúcar, concorreram com as dos homens e as das donas de Viana do Castelo, para transformar rápida e solidamente em Nova Lusitânia (Freyre, 2010, p.215).

Essa viagem, que aconteceu entre 1951 a 1952, teve um realce na visão de Freyre sobre como a colonização portuguesa estava fazendo em seus territórios africanos. E o mais interessante é que o autor diz que a viagem possibilitou de fato a consolidação do Lusotropicalismo:

Na verdade, creio ter encontrado nesta viagem a expressão que me faltava para caracterizar aquele tipo de civilização lusitana que, vitoriosa nos trópicos, constituiu hoje toda uma civilização em fase ainda de expansão; e que, embora mal identificado pelo Professor Arnold Toynbee, em sua obra monumental sobre as civilizações modernas, uma das mais cheias de possibilidades e virtudes. Essa expressão-lusotropical- parece corresponder ao fato de vir a expansão lusitana na África, na Ásia, na América, manifestando evidente pendor, da parte do português, pela aclimatação como que vultosa e não apenas interessada em áreas tropicais ou terras quentes. Donde não se pode falar em tropicalismo moderno sem se destacar a ação dos portugueses como pioneiros de modernas civilizações tropicais: aquelas em valores e sangues

tropicais juntam-se, em novas combinações, valores e sangues europeus (Freyre,2010, p.172).

Dentro dessa abordagem, é importante que voltemos os olhares ao que era trabalhado e observado na perspectiva de Freyre, que de fato era um olhar mais ligado ao meio cultural português. Uma dessas questões é a língua portuguesa inserida em alguns territórios, e poderia ser multinacional, pelo fato de transcorrer diversos territórios, como aborda Claudia Castelo:

[...] na conferência lida em Goa, Freyre destaca a importância da língua portuguesa dentro da área cultural lusotropical. Atento à complexidade da língua portuguesa, detecta nela “alguma coisa de exuberante, de mestiço, de contraditório, que vem da aventura ou da experiência ultramarina: uma experiência que juntou ao passado europeu dos lusitanos outros passados- o oriental, o chinês, o indiano, o africano, o americano, o atlântico”. Defende a preservação e o desenvolvimento da língua portuguesa “sob a forma binacional ou até multinacional, de língua do Brasil, tanto de Portugal, da Índia portuguesa e da inteira cultura de formação lusitana espalhada por África, pelo Oriente, pelo Atlântico (Castelo,2010, p.22).

Levando em conta todas as análises expostas, compreendemos que Gilberto Freyre foi um intelectual bastante expressivo no cenário mundial a partir da década de 1930, quando ele começou a debater assuntos pertinentes a respeito da formação social do Brasil. Uma das suas obras mais conhecidas é *Casa Grande e Senzala*, lançada em 1933. Porém nosso foco principal é a importância de Gilberto Freyre para Portugal, tendo consciência de suas discussões no campo sociocultural e político, principalmente quando se instala o Estado Novo em Portugal a partir de 1933.

O lusotropicalismo esteve entrelaçado nessa análise, justamente por ser importante fator de expressão de Freyre em Portugal, e na África, principalmente quando se tem um uso dessa ideologia pelo Governo de Portugal a partir de 1945, onde muitos países passavam por transformações por causa da segunda Guerra Mundial, principalmente no quesito democracia. Aí fica o questionamento, por que o Estado Novo Português teve que usar dos métodos do lusotropicalismo para benefício do Governo? A resposta é um tanto condessada e será trabalhada no próximo tópico.

Porém podemos adiantar que um dos motivos foi justamente essa o ressurgimento da democracia, como podemos perceber na citação seguinte:

Depois de 1945, a Europa ocidental redescobriu a democracia. Os remanescentes da direita autoritária dos entreguerras- a Espanha de Franco e Portugal de Salazar- formavistos como sequelas de um passado indesejado e das novas organizações internacionais- as Nações Unidas, a Comunidade Econômica Europeia (CEE) a até mesmo o Plano Marshal- pelo menos até a Guerra Fria os convertesse novamente

em ambíguos aliados do mundo livre. No Reino Unido, na Irlanda, na Suécia e na Suíça suspenderam-se as restrições da época da guerra e o parlamento retomou suas funções normais. Os baluartes antidemocráticos da Nova Ordem- França, Alemanha e Itália- enterraram o passado e elaboraram novos sistemas constitucionais. Na Grécia, abandonou-se o legado autoritário da década de 1930, apesar de uma guerra civil. E restabeleceu-se o regime parlamentar (Mazower,2001, p.283).

Podemos perceber claramente que houve mudanças em maior parte dos estilos de governo da Europa, ou seja, Portugal estava estagnado com um sistema imperial que não se enquadrava mais no cenário atual, o Governo de Salazar procurou adotar medidas que mostrasse para o mundo que sua forma de governo era eficiente, aí é justamente onde se tem o uso do lusotropicalismo, e tirando-se proveito do mestiço de Freyre mundo afora.

Em suma, devemos perceber que Gilberto Freyre e a teoria do lusotropicalismo, tomaram proporções transnacionais, e isso se deu principalmente por conta da percepção de Freyre a respeito da colonização portuguesa, e isso tomou maiores proporções com sua viagem a Portugal e suas colônias na África. Quando Gilberto Freyre caracterizava sua teoria de Lusotropicalismo, podemos compreender que esse, foi o que possibilitou explicações a respeito da colonização em regiões como o Brasil, e partes da África.

Porém com toda a movimentação de Freyre por Portugal, seu conceito tomou grandes proporções, e ganhou diferentes interpretações. Um dos fatores de maior destaque foi o uso do conceito pelo governo de Salazar. Através da viagem de Freyre as colônias ultramarinas, houve uma aproximação intelectual do governo português com as teorias do pensador pernambucano.

2.2 Gilberto Freyre e a política ditatorial de Salazar

A política de Antônio de Oliveira Salazar foi bem expressiva no cenário português do século XX, perdurando na ativa por mais de trinta anos. Um dos nossos objetivos é trabalhar a inserção de Gilberto Freyre e do lusotropicalismo dentro dessa política imperial do Estado Novo, observando os fatores que foram vistos e utilizados dentro dessa política. Segundo João Pinto:

Junto com a reforma constitucional que transformou retoricamente o estatuto administrativo das colônias do ultramar, o governo de Salazar mobilizou gigantesco esforço de propaganda para justificar internacionalmente um país, uma nação de extensos territórios, extensas províncias que do Minho ao Timor faziam de Portugal um só território. É neste momento crucial que a obra e o pensamento de Gilberto Freyre se tornaram instrumentos da máquina de propaganda salazarista (Pinto,2009, p.147).

Então, o conceito lusotropical serviu de base para que o governo propagasse uma conjuntura de um Portugal “Bom colonizador”, argumentando que o império não era um malefício. Dentro dessa abordagem podemos ressaltar o texto de Omar Ribeiro Thomaz, o “Bom Povo Português; Antropologia da nação e antropologia do Império”, onde é ressaltado as estratégias de unificação dos povos colonizados dentro da cultura portuguesa, com uma tentativa de mostrar para Europa que havia uma “Boa colonização”. Essa unificação pode ser entendida como uma ideia de nação, ou seja, uma possível assimilação cultural pautada por Salazar, para se sobressair do aspecto autoritário.

Tudo isto ao mesmo tempo que se pregava a “nacionalização” dos territórios coloniais, que deveria dar-se nos âmbitos econômico e político e também “cultural”: os “indígenas” e os habitantes de todas as colônias portuguesas fariam parte do corpo da “nação portuguesa”, espalhada pelos quatro cantos do mundo. Criva-se, assim, uma estrutura legal para o império na qual se passava a associá-lo à ideia de “nação” ou até mesmo traduzi-lo por esta (Thomaz,2002, p.101).

E entre essas projeções temos que tratar do Ato Colonial, pois ele foi de fundamental importância dentro do plano de governo português. Rampinelli em termo gerais o Ato Colonial:

O ato colonial- publicado em 9 de julho de 1930 e que se torna integrante da Constituição em 1933- tenta reunir num instrumento jurídico as garantias fundamentais da nação portuguesa como potência colonial, as das relações econômicas e financeiras entre a metrópole e as colônias. Na verdade, trata-se, dentro de uma visão uniforme e centralizadora, da proclamação de um nacionalismo destinado a manter as colônias enquadradas na nova conjuntura internacional que se avizinhava (Rampinelli,2014, p.125).

Cabe a nós percebermos a empreitada colonial na qual Portugal estava trabalhando, isso se dá principalmente quando se tem a instalação do Ato colonial em Portugal em 1933, o Decreto- lei n.º 22:465 traz todos os artigos aptos a serem aplicados na sociedade portuguesa. Com isso é importante que observemos um dos exemplos de artigos que Claudia Castelo traz no seu texto, transcrevendo explicitamente a ideia de dominação, e não de assimilação:

É da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendem, exercendo também a influência moral que lhe é adstrita pelo Padroado do Oriente (Art.2.º) (Castelo,1998, p.46).

Esse discurso que estava inserido no Ato Colonial de 1933, vai tomar diferentes rumos depois da Segunda Guerra, porém em sua base o autoritarismo consolidava a arquitetura planejada pelo governo de Salazar, que trazia um diálogo com perfil democrático, perfil esse que não era aplicado em Portugal:

A eleição do presidente da República pelo sufrágio universal e direito, a existência da Assembleia Nacional, a formação do governo, fazendo-nos pensar no domínio de um regime parlamentarista ou até mesmo na independência do Poder Judiciário, seriam elementos capazes de sustentar a ideia de uma nação democrática e liberal. O que a constituição não disse, porém, foram os meandros utilizados pelo regime salazarista para sustentar tais instituições (Almeida,2014, p.28).

. O ponto chave aqui, é perceber que, no início do Governo de Antônio Salazar em 1933, tinha-se uma preocupação de manter um poder ditatorial sobre suas colônias e sobre o próprio Portugal, e isso é comprovado com o Ato Colonial. Porém havia um discurso que pregava um discurso de que o governo iria agir de forma democrática. A preocupação do governo português começa a se expandir com outras questões em 1945, onde o mundo estava saindo de uma guerra, que tinha trazido novas percepções aos governos, como já foi colocado acima. A Democracia começava a renascer em muitos países da Europa, enquanto Portugal se mantinha estagnado no sistema Fascista (com um discurso de fachada democrática).

Entretanto, esse renascimento da democracia não foi um simples retorno a 1919; ao contrário, o que surgiu depois de 1945 foi algo profundamente alterado em função das lembranças da guerra e da crise democrática nos anos anteriores ao conflito. O papel do parlamento, a natureza dos partidos políticos e da própria política saíram transformados da luta contra o Fasismo (Mazower,2001, p.83).

Com esse cenário de mudanças, Salazar mudava seu discurso, e objetivos, pois agora ao invés de se preocupar apenas com a dominação, ele teria que se preocupar com suas falas e a manutenção das suas colônias dentro do novo cenário europeu. Por isso a ideologia de Freyre começou a ser vista como um reforço as suas abordagens políticas. Para esse assunto devemos observar a percepção de alguns autores como é o caso de Adriano de Freixo:

Não é de se estranhar, portanto, que tenha sido justamente na década de 1950, quando as pressões internacionais pela descolonização começam a isolar politicamente Portugal, que o estado português começa a se apropriar de algumas das ideias centrais do luso-tropicalismo, transformando-o na ideologia oficial do colonialismo luso. Neste sentido, a propaganda salazarista foi bastante eficiente em propagá-la dentro e fora de Portugal, fazendo com que mesmo setores envolvidos com a luta anticolonial assimilassem-na. (Freixo,2015, p.478).

Através dessa narrativa podemos notar uma ideia de absorção a respeito do conceito, ou seja, as circunstâncias podem ter feito com que o lusotropicalismo se tornasse um escape, diante das pressões internacionais pela libertação colonial, dos territórios colonizados. Assim, temos que:

A tese do lusotropicalismo, que pode ser encontrada em pontos iniciais já em Casa Grande & Senzala, de 1933, combinava, de modo sincrético, a cultura portuguesa e a dos povos colonizados, e, assim, oferecia ao governo português o discurso oficial da conciliação sem hierarquias (Resende,2015, p.102).

Contudo podemos perceber que depois da Segunda Guerra o governo português buscava novas estruturações, “Salazar, no controle efetivo do Estado português desde 1933, obrigou-se a novas práticas de gestão governamental para tentar assim uma recaracterização do velho império português (Pinto,2009, p.450)”. “Desde 1951, o Ato Colonial havia deixado de ser diretriz de ação do governo junto às possessões lusas (Resende,2015, p.101)”.

Por esses fatores devemos analisar como essa estratégia de levar Freyre a Portugal foi muito bem pensada por parte do ministro de Salazar, pois em 1951, o pensador brasileiro de fato, aborda tal conceitualização, em uma conferência em Goa, e com isso o Governo português propaga essa ideologia pelo estado português:

Portanto, pode se dizer que o luso-tropicalismo forneceu ao regime salazarista “uma doutrina que o justificava, arrimando cientificamente alguns de seus mais caros pressupostos e fornecendo-lhe a inspiração para outros tantos”, ajudando assim na tentativa de contenção dos movimentos de Libertaçao Nacional na África Portuguesa (Leme,2011, p.148 *apud* Freixo,2015, p.478).

Essa interpretação é importante para percebermos também o respaldo que Gilberto Freyre tinha em Portugal e no Mundo na década de 1950. Além disso devemos considerar também que até início da década de 1940, não se tinha tanto interesse nas concepções de Freyre por parte do governo de Portugal, e um dos principais fatores era abordagem de Freyre sobre a influência do negro africano na cultura do Brasil. De acordo com Claudia Castelo:

Nos anos de 30 e 40, o pensamento de Gilberto Freyre não conhece qualquer aceitação oficial, junto do regime português. Também não colhe adeptos entre os colonialistas republicanos. “estava-se na época de afirmação do império, dos valores da raça (uma suposta raça portuguesa)” a impor a povos quase selvagens. Considerava-se que a miscigenação tinha consequências negativas e que os mestiços eram biologicamente inferiores (Castelo,1998, p.84).

“Embora previsivelmente julgado como colaboracionista reacionário, Gilberto Freyre e seu lusotropicalismo representaram, na verdade, um avanço na política portuguesa para a África[...] (Leme,2011, p.42)”. Na perspectiva de Rafaela Silva, houve um envolvimento bastante vultuoso entre Freyre, a cultura, e a colonização portuguesa, porém ela diz que, “não devem ser confundidas no que diz respeito ao seu envolvimento diretamente no desenvolvimento de uma ideologia para o Estado Novo (Silva,2022, p.33).”

Em meio a essa relação de utilização conceitual, temos de nos atentar também a mais uma das estratégias utilizadas por Salazar, que foi a da propaganda. Através dela o governo colocou em circulação suas ideias, na tentativa de mostrar ao resto do mundo qual era seu ideal colonial, fundamentado na teoria Freyriana.

Segundo Taciana Resende, essa propagação queria divulgar a ideologia de uma nova política portuguesa, utilizando da teoria de Freyre. “Essa tônica da nova política inaugurada na década de 1950, que teve como principal defesa um Portugal que transcendia suas fronteiras europeias, encontrou diálogo profícuo na tese desenvolvida pelo sociólogo Gilberto Freyre (Resende,2015, p.102)”.

Essa circulação de ideias de Gilberto Freyre, que rondou diversificados territórios, como África, Brasil e Portugal, traz um ideal de discussão importante para compreendermos o respaldo do lusotropicalismo e como a mestiçagem foi um fator de relevantes nos debates intelectuais. Em meio a isso conseguimos perceber que Gilberto Freyre trouxe análises importantes, que nos possibilitaram entender aspectos da colonização portuguesa, como é o caso da mestiçagem e a própria relação com os trópicos, que segundo o antropólogo era mais flexível.

De maneira geral, percebemos que o governo de Antônio Salazar, não foi um governo muito tranquilo, foi um período de diversificadas estratégias para que ele se mantivesse no poder, foi um governo bastante excludente e autoritário. Podemos perceber que havia pressões mundiais a respeito da forma de governoposta pelo mesmo, ou seja ele estava inserindo uma política controversa e bastante criticada, uma política de cunho imperialista, que se voltava fortemente ao colonialismo.

Ainda dentro dessa perspectiva de colonização, percebemos que após a década de 1950, começaram algumas movimentações coloniais por parte de colônias africanas, que estavam sob domínio de Portugal. Esse fator foi se tornando um problema para Portugal, pois começou a haver perdas de territórios, e com isso a sua política de dominação ficava cada vez malvist. Segundo Francisco Martinho: “Se a situação portuguesa já era desconfortável nos anos 1940 e 1950, agravou-se ainda mais na década de 1960, quando começaram as guerrilhas por independência das colônias africanas (Martinho,2011, p.296)”.

Na segunda metade do século XX, começou os movimentos anticolonialistas na África, uma busca ativa por uma desvinculação da política imperial, e com foco na independência nacional:

Entre os meados de 50 a início de 70, a França, Inglaterra, e Bélgica já tinham sido derrotadas nas lutas anticoloniais. Guerras de independência não ocorreram em grande número no continente africano, mas todos os países europeus enfrentaram resistências. Teve Guerra na Argélia e Camarões, conflitos no Marrocos, Costa do Marfim, República do Congo, Comores e República Democrática do Congo. No Sudão, Malaui, Quênia e África do Sul ocorreram insurreições. De todos os países europeus na África, Portugal foi o que mais lutou contra o processo de independência, negando-se a negociar um processo de independência sem conflito armado (Matos,2019, p.80).

Esses movimentos de libertação, moldaram muitos conflitos durante a segunda metade do Século XX. Isso é de suma relevância para entendermos o contexto da época, pois percebe-se que após a Segunda Guerra Mundial, houve muitas alterações no cenário Mundial, principalmente em questões políticas, causando assim impactos no mundo. Porém com todo esse conglomerado de conflitos percebemos que Portugal buscava se manter firme com sua dominação colonial.

Taciana Resende traz uma perspectiva bem interessante para percebermos esse processo de separação, e busca por independência pelo qual as colônias africanas estavam passando, “O pós-guerra foi o momento em que, apoiando-se no ressurgimento dos valores de democracia e liberdade no mundo ocidental, os povos sob o domínio colonial reivindicaram o direito à autodeterminação de forma conjunta. (Resende,2015, p.100)”.

O convencimento as grandes potências do mundo de que sua política colonial era em si prejudicial, não era tarefa tão fácil, por esse fator o governo português trabalhava com fatores de divulgação justamente para tentar se justificar. Mas essa conjuntura não era suficiente, mesmo com o Lustropicalismo as pressões ainda continuavam causando assim problemas ao governo de Portugal. Para entendermos essa conjuntura de explicações e cobranças, podemos analisar a análise de João Pinto:

Em termos gerais, a conjuntura internacional do pós-guerra impunha ao Estado português o esforço gigantesco de cristalizar, em várias frentes, o sentido do seu Império no mundo. Primeiro, buscava-se na ONU o consenso de um Portugal com colônias, mas que não se percebia mais como colonialista – daí as alterações constitucionais. Em segundo lugar, o consenso sobre o sentido dessa realidade histórica, isto é, buscava-se uma arquitetura teórica que justificasse a tradição do colonialismo lusitano ao longo do tempo, como uma estrutura histórica diferenciada daquela ocorrida em outros países colonialistas. E, em terceiro lugar, a necessidade do convencimento social, frente à própria nação, de que tal engenharia administrativa era de fato uma realidade operacional e conseguir justificar assim ao mais simples lavrador português que as terras fecundas e ainda inexploradas da África eram também as terras do seu querido Portugal (Pinto,2009, p.147).

Essa analogia política a respeito de Salazar é importante para termos um panorama de que cenário Freyre estava inserido, ou seja, uma busca explicativa para que possamos compreender a forma como as analogias lusotropicais de Freyre, se inseriram na política autoritária de Salazar. Além disso temos que compreender as bases do governo presente no Estado Novo português, para compreendermos o que estava acontecendo em Portugal, segundo Francisco Martinho, havia quatro pilares que estavam inseridos no governo ditatorial de Salazar, sendo eles; “colonialismo, nacionalismo, corporativismo e autoritarismo

(Martinho,2011, p.295)”. Mesmo o Lusotropicalismo legitimando a colonização não foi o suficiente para se manter a empreitada colonial.

Essa abordagem é importante pois em meio a isso vemos o Nacionalismo, que foi um forte aliado na política salazarista.

O nacionalismo era o suporte de mobilização popular em uma conjuntura, a dos anos 1930, marcada por diversos projetos que se pretendiam alternativos ao liberalismo e ao comunismo. O corporativismo possibilitava uma organização institucional que, se não conseguiu eliminar os conflitos sociais, ao mesmo impôs limites a radicalizações maiores, dando argumentos ao estado para regulação das relações entre capital e trabalho. Por fim, o autoritarismo representava o descrédito frente as democracias representativas (Martinho,2011, p.295).

Diante das análises feitas, percebemos que o Governo de Salazar, foi um governo estratégico que buscou muitos meios para se manter no poder, a utilização do Lusotropicalismo foi uma delas. Ele buscou meios de tentar se explicar para o resto do mundo os fatos que faziam com que seu governo imperialista ainda permeasse no cenário mundial. Segundo Almeida “Essas manobras de propagandas também as classes dominantes internacionais e em particular, a Europa, ocorreram, naturalmente, sob uma camisa de força como a censura para a população ativa que deveria trabalhar no exterior[...] (Almeida,2014, p.86).”

Diante das discussões apresentadas, compreendemos que houve uma estreita relação entre Gilberto Freyre e o Imperialismo Português, principalmente a respeito da circulação do lusotropicalismo em Portugal e suas colônias. Gilberto Freyre foi de suma importância para a política imperial de Portugal, principalmente na segunda metade do século XX, onde Portugal precisava de um novo discurso propagandista para manutenção das coloniais que foram denominadas Províncias Ultramarinas, justamente para se manter a política imperial, diante das pressões externas sobre essa política aplicada.

Ao tempo em que a cultura africana e a europeia faziam parte do processo de construção da sociedade caboverdiana, havia uma unificação cultural, com isso os intelectuais da Claridade, começaram a discutir a formação da cultura local, denominada Cabo-verdianidade. Esse processo de construção da identidade cultural Caboverdiana foi influenciada pelo Lusotropicalismo de Freyre e a partir do momento em que as suas ideias serviram se base teórica para os Claridosos. Teremos reflexões importantes no próximo capítulo sobre essas concepções.

3. “ISSO NÃO É ÁFRICA É CABO VERDE”: O LUSOTROPICALISMO NA 1ºFASE DA REVISTA CLARIDADE

Um dos objetivos desse capítulo é perceber a circulação do Lusotropicalismo em Cabo Verde, para tal fato temos que compreender alguns dos ideais da Revista Claridade, pois a ligação entre o conceito de (Lusotropicalismo) e o arquipélago, teve como principal intermediadores as abordagens dos intelectuais claridosos. O Lusotropicalismo se tornou um conceito transnacional, por suas diversas circulações em sociedades diversas (Portugal, Cabo Verde e Brasil), e isso fez com que ele se tornasse muitas vezes útil, como foi no caso da Primeira Fase da Revista Claridade. Essa primeira fase da revista, estava muito ligada a uma percepção sobre os aspectos culturais do arquipélago de Cabo Verde:

De modo análogo, Claridade representou uma tentativa de se plasmar a especificidade do arquipélago mediante a construção de um mosaico variado de temas e assuntos que tinham o fito de valorizar e resgatar o legado das tradições locais. Não por acaso, justamente com poemas, contos e trechos de romance (de cores marcadamente locais), o periódico também procurava explicitar, por meio de breves ensaios e apontamentos, dados e informações sobre a história social e econômica das ilhas, bem como esquadrinhar a psique cabo-verdiana (Salla,2014, p.108).

Com isso temos as circulações das ideias de Freyre dentro do espaço da Primeira fase da Revista Claridade, pois, a argumentação do autor sobre a formação social do Brasil, despertou interesse por parte dos claridosos. Segundo Taciana Garrido Resende (2015,p.104) “[..] as obras de Freyre incitavam discussões nos círculos intelectuais do arquipélago caboverdiano já nos anos 1930”. Os Claridosos avistavam a mestiçagem como exemplo da cultura Caboverdiana, pois em sua história social, a mestiçagem se fazia presente:

Por causa da miscigenação de seu povo, Cabo Verde possui uma língua própria, a língua cabo-verdiana. E, além de uma língua própria, construiu uma identidade própria através de sua música, dança, culinária e literatura. Com isso, o povo caboverdiano possui um modo único de ser, de sentir, de pensar e de se expressar com seus costumes e tradições, que vem a ser a cabo-verdianidade. Através da caboverdianidade o povo ilhéu construiu sua identidade cultural, social e política, o que constituiu objeto de análise por parte do movimento Claridade e que a revista de mesmo nome valorizou e conseguiu expressar em seus números (Marques,2019, p.262).

A busca pela valorização da cabo-verdianidade era um dos principais aspectos da Revista Claridade, que teve sua primeira edição lançada em 1936. É importante enunciar também que, o período entreguerras possibilitou uma movimentação literária mundo afora, e não foi apenas a Claridade que surgiu com essas discussões, outros movimentos alavancaram

relativas investigações em prol de uma valorização identitária e cultural, principalmente os movimentos que buscavam dar mais evidência da cultura negra:

A busca da cultura e da identidade negra também foi o objetivo de escritores e intelectuais na Martinica, com a publicação da revista *Lucioles* (1927), e no Haiti, onde foram exaltadas a religião *vodu*, a língua *créole* e a música negra. Já em Cuba se originou o movimento do Negrismo, tendo como seu principal expoente o escritor negro Nicolas Guillén (1902-1989) (Marques,2019, p.249-250).

Essa abordagem nos mostra que houve muita movimentação no campo literário mundial, principalmente a respeito da valorização cultural e social da cultura negra no mundo. Em Cabo Verde, a cultura negra também fazia parte do ambiente sociocultural do arquipélago, “todo o processo de construção da identidade nacional cabo-verdiana tem o Continente africano como referência, seja para uma afirmação de distanciamento, ou para uma afirmação de proximidade ou de pertencimento (Anjos,2003, p.581).” A fundamentação das ideias da Claridade, estavam muito ligadas à afirmação cultural. A revista tinha como objetivo a afirmação da caboverdianidade, exaltando a língua crioula e os hábitos do homem cabo-verdiano. Embora amplamente estudada, poucos estudos pairam sobre o porquê do nome “claridade” (Matos,2015, p.510).”

A situação caboverdiana durante a primeira metade do século XX, trazia consigo problemas na região, principalmente pautados pela seca, e isso deve ser levado em consideração para compreendermos a situação do arquipélago. O surgimento da Revista Claridade, teve como uma de suas pautas essa realidade presente em seu território:

Um dos temas centrais desenvolvidos na Claridade refere-se ao espaço, à paisagem e ao clima em Cabo Verde e sua participação na definição dos traços que caracterizam os habitantes das ilhas. O clima certamente pode ser considerado um fator de grande influência em Cabo Verde (Lobo,2015, p.132).

Para entender a circulação de ideias em Cabo Verde, é necessário entendermos também onde fica o arquipélago, e algumas das suas características territoriais:

Situada no Oceano Atlântico Norte, a cerca de 500 km da costa ocidental da África, a República de Cabo Verde é um território insular. O arquipélago é composto por dez ilhas e oito ilhéus que se distribuem em dois grupos e dispostos em relação à direção do vento alíseo do Nordeste: ao Norte, o grupo de Barlavento, formado pelas ilhas de Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia(desabitada), S. Nicolau, Sal, Boa Vista e os ilhéus desabitados dos pássaros, brancos e raso; ao Sul, o grupo de Sotavento, que compreende as ilhas de Maio, Santiago, Fogo, Brava e os Ilhéus desabitados de Santa Maria, Grande, Luís Carneiro, Sapado e de Cima. A superfície total do arquipélago é de 4033 Km². A ilha maior e mais povoada é Santiago, com uma superfície de 930 Km² e a menor, das habitadas, é a Brava, com 64 Km²(Ferreira,1997, p.13).



Mapa de Cabo Verde

Fonte: <http://www.nationsonline.org/oneworld/map/cape-verde-map2.htm> (Acesso em 25 de maio de 2024.)

3.1 Gilberto Freyre e o encontro com os intelectuais Claridosos

Compreende-se que o surgimento da Revista Claridade (1936) pode legitimar a recepção positiva do lusotropicalismo em um primeiro momento, para que no imediato pós Segunda Guerra (1945) a intelectualidade cabo-verdiana possa repelir a mestiçagem do construto ideológico para a cabo-verdianidade nascente. Sobre tal perspectiva é possível entender o quanto a circulação dessas ideias ainda deixa muitos vestígios para pensarmos o papel de protagonismo dos intelectuais e das suas noções acerca do mundo contemporâneo. Sobretudo, em um período de opressão política e cultural estabelecidas pelo Estado Novo, através da colonização:

Colonizar significava exportar ciência a povos que ainda permaneciam no obscurantismo da vida tribal e em um cotidiano permeado por elementos mágicos e religiosos. Tratava-se, portanto, de levar ciência e assim interferir na qualidade de vida dos colonizados (Thomaz, 1996, p.94).

A colonização, é algo a ser ressaltado em meio a Revista Claridade e ao Lusotropicalismo, tendo em vista que, a formulação do conceito se baseia na perspectiva colonial dos portugueses, destacando a forma de colonização aplicada pelos portugueses. Dentro das ambientações do arquipélago de Cabo Verde a colonização também se fez presente, “Cabo Verde foi povoado durante o processo de colonização. Suas ilhas eram inabitadas até a chegada dos portugueses, no século XV (Mourão; Rodrigues,2008, p.197). Ressaltamos ainda

que a colônia só teve sua independência em 1975, “A independência de Cabo Verde a 5 de julho de 1975 se erigiu na construção da memória do Estado e da sociedade cabo-verdiana como marco zero na construção de um novo projeto de sociedade (Furtado,2016, p.857).” Segundo Bosi:

A colonização é um projeto totalizante cujas motrizes poderão sempre buscar no nível do colo: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas suportes físicos de operações econômicas; são também crentes que trouxeram nas arcas de memória e da linguagem aqueles mortos que não devem morrer (Bosi,1992, p.15).

Entender a colonização é indispensável para compreendermos as indagações pertencentes aos claridosos, pois é um projeto que se inseriu tanto no Brasil, quanto em Cabo Verde, além disso, Portugal foi o responsável pelo projeto totalizante de ambos os locais, este aspecto de exploração que Bosi traz, se assimila com a ideia de Godoy(2021), que diz o seguinte: “[...] a colonização é um tipo de dominação na qual a relação que se estabelece entre os dois polos é de completa dominação do colonizado pelo colonizador (Godoy,2021,p.393)”.

O Estado Novo Português, tinha em suas raízes uma colonização tendenciosa e estratégica, fatores esses que estiveram presentes no arquipélago caboverdiano. A perspectiva que Salazar pregou algumas vezes, era que sua forma governamental iria trazer melhorias para suas colônias. Havia em seu alicerce um discurso positivo para os colonizados, porém tudo isso era apenas uma artifício para manter o seu projeto, pois as ações diziam totalmente o contrário:

As intervenções obedeciam quase sempre à seguinte lógica de exposição: num primeiro momento era exposta “a situação de desordem, de mentira, de anarquia, de humilhação” porque passava Portugal ou o povo português; em seguida apresentava “o sacrifício para a cura” e, num terceiro momento, o da “regeneração”, havia a renovação do corpo nacional graças à ação do Estado Novo e do seu chefe – Salazar (Pinto,2009, p.463).

Foi em meio a um cenário de recessões políticas e econômicas que a Revista Claridade desponta em Cabo Verde através da elite letrada, porém com a influência portuguesa em sua cultura. Elite letrada pode ser entendida nesse cenário, como pessoas que fizeram parte de uma classe alta da sociedade, e que tiveram acesso à educação escolar da época na metrópole . Os precursores da Primeira Fase da Revista Claridade; Manoel Lopes, Jorge Barbosa e Baltasar Lopes, trouxeram um debate bem significativo no espaço da Revista Claridade, tinha-se entre outras questões a preocupação em ascender a identidade cultural do arquipélago caboverdiano, além de investigar como se deu o processo da formação social da população de Cabo Verde:

Como afirmou o escritor Baltasar Lopes em 1956, “eu e um grupo de amigos começamos a pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o processo de formação destas ilhas, o estudo sobre a formação social de Cabo Verde[...]” (Silva,1956, p.5 *apud* Resende,2015, p.90).

Dentro desses aspectos, devemos perceber a valorização do Crioulo cabo-verdiano, que era uma das principais questões defendidas pela Revista Claridade, apesar de não ser a língua oficial de Cabo Verde, ela fazia parte da cultura do arquipélago. Com isso houve uma busca por reconhecimento dessa língua em detrimento do português a língua oficial.

Dessa maneira, ao publicar textos que trazem a língua cabo-verdiana nas falas de personagens dentro de um texto na língua portuguesa, a Claridade ousa para os padrões da época (onde era predominante até então o uso da língua da metrópole nos textos) e afirma a especificidade da identidade cabo-verdiana (Marques, 2019, p.247).

Essa preocupação da elite letrada definir os fatores culturais de Cabo Verde, fizeram com que as obras de Freyre circulassem em meio a eles, pois o autor pernambucano, conseguiu se destacar nas reflexões dos intelectuais claridosos. “Na década de 1930, com a publicação de Casa Grande & senzala em 1933, sobrados e Mucambos, de 1936, e Nordeste, de 1973, Gilberto Freyre inaugurou uma época de intensos debates e novas interpretações sobre a história brasileira. (Resende,2015, p,94)”.

Como podemos perceber, o exemplo da colonização do Brasil, que foi discorrido através do olhar de Freyre, circulou pelo mundo, servindo de artefato teórico para o embasamento das discussões dos Claridosos. A forma comparativa entre a formação social brasileira, e a formação social de Cabo Verde, eram colocadas como o exemplo (Pelos intelectuais da claridade) como a forma mais bem sucedida da mestiçagem, que trazia em seu seio uma maior influência do colonizador Português. De acordo com Madeira (2014,p.157-158) “A elite da geração de Baltazar Lopes da Silva acabou por erguer um modelo identitário, que se configurava e coexistia com a identificação do Estado nacional português, e difundia a ideologia assimilacionista e regionalista. Já a colonização do Brasil, foi a ponte de ligação entre Freyre e os claridosos, possibilitando assim que o lusotropicalismo, tivesse maior alcance, mesmo estando em processo de formulação:

Nesse sentido, mostra-se relevante analisar o surgimento da revista literária Claridade lançado luz sobre o seu compromisso com o próprio nome que carregou, assim como demonstrar e considerar as leituras recebidas de escritores nordestinos brasileiros, principalmente da proposta lusotropicalógica de Gilberto Freyre. Essa comparação se justifica pois tanto a revista quanto a obra freyriana da década de 1930 apresentam uma leitura diferente daquela acima, sobre o homem do trópico (Matos,2019, p.510).

Além dessas relações entre Freyre e os Claridosos, havia influências também de outros autores inseridos na literatura brasileira, com isso conseguimos compreender que o Brasil por muito tempo serviu de “espelho” para os Caboverdianos da Revista Claridade, pois viam características parecidas, principalmente no que diz respeito a formação miscigenada das culturas de ambos os locais. Além disso, percebe-se que havia ligações literárias entre outros brasileiros e caboverdianos. “[...] e isso deve-se, sobretudo, ao diálogo empreendido entre os “Claridosos” e o movimento modernista brasileiro, tendo como figuras principais Manuel Bandeira, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e Érico Veríssimo (Rocha,2010, p.73).”

Podemos perceber assim que a questão da cultura híbrida, ou seja, uma cultura que tinha características de relações de sociedades diferentes, era um dos principais fatores dessas discussões, pois o discurso se encaixava com as ideias dos claridosos. Segundo Thiago Salla, “as fontes brasileiras que ‘abriram os olhos dos cabo-verdianos’ teriam sido Ribeiro Couto e Jorge de Lima na poesia; José Lins do Rego e Jorge Amado no romance; Arthur Ramos e Gilberto Freyre, no ensaio (Salla,2014, p.107).”

Pode-se perceber no viés da Revista Claridade, uma preocupação em ter um aparato teórico, que pudesse servir de exemplo para os cabo-verdianos, por esse fator a literatura brasileira, principalmente a de Freyre serviu de arcabouço teórico. A Primeira fase da Revista Claridade (1936-1945) explicava a forma que passavam a ver as ideias de Freyre, tendo em vista que houve uma relação entre o intelectual brasileiro e os claridosos:

No caso de Cabo Verde, três momentos relacionados com o autor foram singulares: a viagem do pernambucano para África em 1951, a posterior publicação de suas impressões, e a recepção de casa Grande & Senzala, sobretudo no que diz respeito às benesses da colonização portuguesa, ao elogio da mestiçagem e à democracia racial. (Resende,2015, p.96).

Essa diferenciação de tempo vai nos guiar a visão mutável dos claridosos a respeito de Freyre. Para compreendermos a lógica aplicada pela autora, temos que inverter e reformular os momentos de relação entre o escritor brasileiro e Cabo Verde. O primeiro momento é o de interligação entre Freyre e os claridosos, ilustrado através da mestiçagem presente na obra de Freyre, Casa Grande & Senzala. Ou seja, através da sua divulgação, a curiosidade dos intelectuais caboverdianos, possibilitou a inserção dos argumentos do autor pernambucano, em Cabo Verde, pelo fato de que a sociedade caboverdiana, tinha em suas raízes culturais, os aspectos da mestiçagem. O segundo momento se liga a viagem que Gilberto Freyre fez a na

África em 1951, pois uma das questões que essa viagem possibilitou foi a análise de Freyre sobre as terras Cabo-verdianas.

Antes de apontar as impressões de Freyre sobre Cabo Verde, é importante ressaltar que o intelectual pernambucano era ansiosamente aguardado por alguns intelectuais da Claridade:

Assim, a visita de Gilberto Freyre ao arquipélago, em 1951, foi ansiosamente aguardada pelos intelectuais da época, que não hesitaram em publicar lisonjas ao estudioso na imprensa local. Suas declarações, desde os anos de Casa Grande e Senzala até as polêmicas impressões após a visita de Freyre a Cabo Verde, renderem diversas discussões, as quais ofereceram uma janela importante ao historiador que tenta perceber – e compreender – o debate identitário e intelectual da época (Resende,2015, p.91).

Esse ponto é bastante interessante, pois vai explicar que antes da viagem de Freyre, havia uma grande admiração, por parte de alguns intelectuais sobre o autor, mostrando que suas teorizações ainda surtiam afeitos em Cabo Verde até meados da década de 1950. “[...]O entusiasmo foi tanto que houve quem dormisse com Casa Grande & Senzala na banquinha de cabeceira, e o manuseio com o mesmo fervor com que os crentes leem as Sagradas Escrituras (Sousa,1951a, p.31 *apud* Resende,2015, p.91)”. Percebe-se que a viagem de Freyre foi aguardada por muitas pessoas, principalmente aqueles que de alguma forma se baseavam nas teorias freyreanas.

O terceiro momento na nossa averiguação, está ligado a percepção de Freyre sobre o arquipélago de Cabo Verde, em suas obras lançadas posteriormente, “Da visita resultaram dois livros: Um brasileiro em terras portuguesas e Aventura e rotina (ambos em 1953) (Castelo,2021, p.25). Para compreendermos mais a percepção de Freyre sobre Cabo Verde, observaremos uma passagem retirada do livro “Um brasileiro em terras portuguesas”:

Deste meu contato com as terras pobres e as populações também pobres de Cabo Verde sai enriquecido meu lusismo. Acabo de sentir o drama de Cabo Verde: o de uma gente heroicamente pobre que, entretanto, conserva-se fraternalmente cristã na sua pobreza, sempre à espera de melhores dias para o seu arquipélago de terras de grande parte áridas, algumas terrivelmente devastadas pela erosão. Dias que hão de vir: Cabo Verde não é terra que se deixe condenar passivamente à morte. Sua população é uma das mais transbordantes de vida da comunidade lusitana. Transbordante de vida, de energia, de inteligência, acabará por dominar, com o auxílio de Portugal e do Brasil, a pobreza e a aridez das terras, a inconstância das chuvas, a irregularidade das águas (Freyre,2010, p.213).

Esses momentos conciliam os contatos de Freyre com a elite letrada caboverdiana, levando em conta que era bastante aguardado a chegada do renomado escritor no arquipélago, como foi apontado acima. Isso esclarece para a gente que o intelectual tinha um prestígio, internacionalmente, esse apreço que se mostrava importante para o governo português, no

período da Viagem (1951) do intelectual brasileiro. Essa viagem não foi algo avulso, foi algo bem pensado, que foi considerado relevante sobre o que Freyre poderia trazer a Portugal, por isso houve toda uma divulgação, e uma preocupação com a chegada do brasileiro em Portugal:

Recorrendo ao grande mestre heterodoxo pernambucano, o “Estado Novo” salazarista socorria-se, destarte, de uma ideologia legitimadora do seu colonialismo, pretensamente imune de qualquer forma de racismo, baseado na argumentação oportuna usada pelo sociólogo brasileiro para explicar a génesis da sociedade do Brasil, e que passaria a ser formulada em termos de alibi para a recusa portuguesa em descolonizar os seus territórios coloniais em África (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique) e na Ásia (Índia Portuguesa, Timor)(Medina,2000,p.49-50).

Essas questões ressaltadas, são de suma importância para que possamos compreender os motivos por trás de tudo. Mas, apesar desse contexto de Salazar sobre Freyre, temos que nos atentar a seus estudos sobre as colônias ultramarinas, pois é neles que vamos perceber opiniões sendo formadas sobre Freyre, no que diz respeito à forma do português colonizar.

Podemos perceber de acordo com Claudia Castelo (1998, p.91):

Em declarações à imprensa, depois de ter visitado Guiné e Cabo Verde, Freyre confessa-se convencido de que “o português é, na África, o que foi na América: um europeu com uma capacidade rara para realizar novas combinações de raças e de culturas, que em essência tendem a conservar-se lusitanas.

A viagem de Gilberto Freyre foi importante para ele, pois sua teoria se consolidou, na medida que o intelectual brasileiro teve um contato direto com a colonização portuguesa, percebendo assim as especificidades de Portugal e suas colônias:

[...] a viagem para Portugal e suas colônias foi ao encontro dos interesses de Freyre para a comprovação de sua teoria lusotropical. Além de contribuir de maneira significativa para a difusão de sua teoria pelo mundo lusófono e consequentemente para afirmação do Brasil e da brasiliade dentro do mundo lusotropical(Toledo, 2019,p.31)."

Apesar dessa viagem ter possibilitado a consolidação do Lusotropicalismo, as falas de Freyre não foram a encontro do que os Claridenses esperavam de Freyre. Uma delas era a visão que o grupo claridade tinha de Gilberto Freyre, como já foi enfatizado. Por muito tempo Freyre gozava de notoriedade pelo grupo claridade, e no período dessa viagem (1951), por mais que não fosse uma unanimidade uma visão favorável sobre ele dentro o grupo claridade, alguns autores ainda tinham muito apreço pelas pesquisas do escritor brasileiro.

Mas com essa viagem Freyre deixa alguns intelectuais da Claridade bastante decepcionados, pois em suas expressões a respeito de Cabo Verde não agradam muito, uma das

questões eram justamente o a língua Crioula como podemos perceber. “[...] a população nativa conseguiu produzir um dialeto próprio, que Freyre confessava repugnar-lhe: ‘Do mesmo modo que me repugna o dialeto cabo-verdiano, agrada-me ouvir a gente de Cabo Verde falar o português[...’] (Medina,2000, p.55).” Além de trazer essa perspectiva crítica da língua Crioula, ainda houve uma valorização de aspectos portugueses dentro da cultura caboverdiana, a língua portuguesa. Além dessa valorização da língua, buscou a exploração do português através da língua.

Essa supervalorização de Freyre pela cultura portuguesa é um fator que em diversos momentos fica perceptível, diante das narrativas do intelectual, há uma visão positiva presente nas suas falas: “É como se cada terra tropical fecundada por uma só gota de sangue português ou animada por um só salpico de cultura portuguesa fosse uma terra predisposta à florescência daquele complexo lusotropical de civilização (Freyre,2010, p.178).”

A cultura portuguesa foi algo bem presente nas narrativas do intelectual pernambucano. Outra questão, são as relações comparativas entre Brasil e Cabo Verde, que consolidaram suas reflexões, pois o autor via em Cabo Verde, muitas características parecidas com o cenário brasileiro da época:

Meus amigos: em Cabo Verde um brasileiro está ainda no Brasil, estando já em Portugal. Ainda no Brasil, porque as águas do Atlântico já são quase as do Nordeste do Brasil. O sol já é quase o do Brasil mais tropical. A vegetação já lembra a brasileira do Norte. Mais do que isto: a população que se vê nas ruas alguma coisa das do Nordeste do Brasil mais colorido pela presença do mestiço ameríndio e do africano (Freyre,2010, p.213).

O processo de discussão da Revista Claridade, esteve estreitamente ligado ao Brasil, não só a Freyre, mas também a outros autores Brasileiros como foi citado acima. Contudo Freyre se destacou nesse meio, pois seu conceito de Lusotropicalismo, seus diagnósticos sobre a colonização do Brasil serviram de base para os Claridosos travarem uma busca pela emancipação cultural do arquipélago de Cabo Verde, usando das teorias freyrianas para iniciar os debates literários.

3.2 A busca por emancipação cultural Caboverdiana e a mestiçagem entre os Claridosos

Como já discutimos, a emancipação cultural de Cabo Verde esteve a todo momento em destaque dentro da percepção dos intelectuais da Primeira fase da Claridade. Para que houvesse essas discussões, algumas questões eram levadas em conta, uma delas é a relação entre os claridosos e a Metrópole Portuguesa. A busca por emancipação, não era apenas ir contra os

portugueses, tinha-se uma relação de suporte onde Portugal seria a base, pois era o colonizador de Cabo Verde, e uma das principais questões era o contributo português para formação da sociedade caboverdiana:

Sob a influência da geração dos Nativistas, defendendo também o nativo do arquipélago, a geração dos Claridosos, nunca deixou de buscar e evidenciar elementos culturais europeus na formação do homem caboverdiano, reivindicando, em determinados momentos, a adjacência e o regionalismo do arquipélago de Cabo Verde (Madeira,2015, p.154).

Porém, para mais, essa relação não estava ligada apenas a questões culturais, percebemos que havia uma tentativa de diálogo partindo da Revista Claridade, com intuito de alcançar a metrópole. Essa tentativa pregava a união entre os filhos da terra (Povo caboverdiano) e os portugueses, visava conseguir mostrar para os colonizadores, os aspectos presentes dentro de Cabo Verde, tendo em vista que antes dessas movimentações intelectuais havia uma sucessiva confirmação dos aspectos coloniais dentro da sociedade caboverdiana, “Até o advento do movimento claridoso o discurso literário das ilhas caboverdianas reforçava os ideais coloniais, ou seja, Cabo Verde como extensão e parte de Portugal (Rocha,2010,p.73).”

Contudo não podemos apenas fazer uma investigação desses fatores de interligação, temos que entender melhor o contexto. Um dos fatores que devemos observar, é a formação social de Cabo Verde, pois a mistura social que se deu em Cabo Verde foi proveniente em parte dos Portugueses (que exerciam um papel de dominação) e em parte com os africanos, contudo:

[...] No povoamento das ilhas, senhores escravos tiveram de se entender, pois ambos estavam isolados das respectivas pátrias-mães e disso resultou uma convivência, que pode ter sido violenta nas suas emoções e complexa nas suas atitudes, mas que se tornou estável pela força das circunstâncias e tolerância social em que a caboverdianidade ganhou força (Filho,2010, p.130).

O processo de busca por emancipação da cultura caboverdiana, foi uma das principais pautas da primeira fase da Revista Claridade, a mestiçagem se fez presente nesse processo, houve uma busca por valorização da identidade nacional caboverdiana. Esse processo buscava explicar os fatores característicos dessa identidade. “Essa ‘fusão cultural’ numa mestiçagem geral é percebida por uma parte da intelectualidade cabo-verdiana como positiva, no sentido de que se teria constituído uma unidade nacional antes da implantação de um Estado nacional (Anjos, 2003, p.581)”.

No entanto não era apenas a presença do português que importava dentro desse processo de mestiçagem, devemos mostrar o contributo dos africanos, e dos ilhéus para esse processo de discussão:

Importante lembrar que com a colonização portuguesa, houve uma soma das tradições africanas às tradições europeias, bem como às próprias tradições e costumes do homem ilhéu. Sendo assim, o povo cabo-verdiano possui características próprias: daí o fator da mestiçagem (mais de dois terços do total) ser o desencadeador do fato do povo ilhéu assumir sua identidade mestiça não como africano ou europeu, mas como caboverdiano. Dessa forma, houve a miscigenação do europeu, principalmente dos portugueses, com o africano. Porém, em Cabo Verde, essa miscigenação se deu de forma muito maior, dando origem a uma cultura que não seria nem africana nem europeia, mas cabo-verdiana (Marques,2019, p.262)

Compreende-se que houve participação dos africanos na formação social de Cabo Verde, mesmo que na primeira fase da Claridade não fosse algo tão discutido, não houve uma negação dos aspectos sociais, mas o que houve foi uma busca do diálogo com a Metrópole portuguesa, e uma busca ativa pelos aspectos caboveridianos. Esse era o principal foco dessa primeira fase da Claridade, por tanto que as primeiras edições apresentavam muitos aspectos relativos a isso:

Na primeira fase da Claridade (março de 1936 a março de 1937) foram publicados os três primeiros números, nos quais há a presença da língua cabo-verdiana, a referência ao dilema “partir-ficar” do homem ilhéu e aos ritmos musicais típicos do arquipélago que expressam o modo de ser cabo-verdiano, bem como o diálogo existente entre a literatura brasileira e cabo-verdiana (Marques,2019, p.262).

Porém o diálogo com a metrópole também se fazia presente dentro desse processo:

Na década de 1930, com as profundas mudanças verificadas na administração colonial portuguesa, surge no arquipélago uma nova geração de intelectuais – a chamada geração claridosa – que, à semelhança da sua predecessora, procura incitar um diálogo com o novo poder instituído, ao mesmo tempo que sugere estar preocupada com a situação do povo cabo-verdiano, cujos interesses teria querido acautelar (Fernandes,2006, p.143).

Para entendermos essa primeira fase da Claridade, temos que entender que as ideias dos intelectuais ainda se ligavam a Portugal, pois os mesmos ainda estavam começando a amadurecer suas ideias, para posteriormente isso ganhar mais repercussão. Além disso, devemos perceber que essas manifestações da Primeira Fase da Revista Claridade, surgiram em meio a um panorama de colonização, onde os intelectuais estavam em busca de concepções que se adequassem as suas discussões.

Temos que compreender também que o lusotropicalismo de Freyre foi importante para eles em um primeiro momento, porque era o universo que eles enxergavam naquele período para exemplificar a mestiçagem dentro das discussões e ambientações do arquipélago de Cabo Verde. Decifrar a mestiçagem de Gilberto Freyre dentro dessas abordagens, é perceber que houve uma identificação dos intelectuais da Claridade a ideia de Freyre, e assim sua obra passou a ser importante nessas primeiras edições da Claridade:

Assim, os intelectuais da Claridade buscaram enaltecer o caráter mestiço da sua população. Para sustentar essa singularidade de um país possuidor de uma população marcada pela mistura do elemento europeu e do africano e, singular com relação aos demais países do continente africano, foi importantíssimo resgatar o processo de colonização do arquipélago. Na visão dos claridosos os portugueses que ali chegaram, e se estabeleceram, construíram uma forma inédita de colonização, traço este visível na constituição dos habitantes das ilhas. Esta forma singular da colonização do arquipélago se deu, sobretudo, com o elemento europeu sendo valorizado em detrimento do africano, para eles a presença portuguesa era algo marcante. Essa interpretação dos claridosos foi fortemente influenciada pela leitura das obras do Sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, para qual houve uma suposta harmonização entre europeus e africanos no processo de colonização, embora, saibamos hoje que isso não tenha corrido nestes termos. Os autores da Claridade traspuseram essa leitura para a realidade de Cabo Verde, porém supervalorizando, como já mencionado, os primeiros. Um dos autores mais atuantes no grupo da Claridade, Baltasar Lopes (Mendes,2022, p.157).

A unidade nacional Caboverdiana, tinha como laços característicos, a língua crioula, e a Musicalidade (Morna). Esses eram elementos primordiais para se explicar quais as características culturais presentes em Cabo Verde, mas além disso, a perspectiva dos claridosos (da primeira fase da Claridade) ocupava em a trazer uma abordagem que mostrasse a realidade de Cabo Verde, ao tempo em que falavam das secas e problemas existentes no território, a cultura era trazia à mostra:

Mesmo diante de muitas dificuldades existentes na época – principalmente o regime de censura que vigorava no arquipélago – o grupo de jovens escritores cabo-verdianos tomou a decisão de criar um instrumento que fosse capaz de reivindicar o reconhecimento da cultura de seu país, expressando toda a realidade concreta das ilhas (Marques,2019, p.257).

O que devemos perceber é que houve uma interligação entre a primeira fase da Claridade, os Portugueses, e o intelectual Gilberto Freyre. O aparato principal dessa relação, era a busca por emancipação da cultura de Caboverdiana, porém isso não anula a busca por diálogo com a metrópole portuguesa, pois além dos aspectos da colonização presentes, desde a década de 1930, começavam as discussões desse grupo sobre a cultura política.

A participação de Gilberto Freyre nas discussões da Claridade se deu pelo fato de que o autor, se propôs a discutir como se formou a sociedade brasileira, dentro dos moldes de uma mistura racial, que unificava indígenas, europeus e africanos. Esse exemplo serviu de base para os claridosos, pois a sociedade caboverdiana igualmente foi formada dentro de um processo de mestiçagem. E por mais que a primeira fase da claridade buscassem trazer essas questões dentro da literatura ainda recente, não teria como se desvencilhar de Portugal logo no início, ainda mais dentro do processo em que estavam inseridos, onde o Estado Novo tinha se instaurado recentemente, a censura era uma das principais questões aplicadas pelo Estado Novo de Salazar.

Devemos fazer uma analogia sobre qual “decepção da claridade com Freyre”, tendo em vista que após a viagem do intelectual nas colônias portuguesas, houve um descontentamento com a percepção de Freyre sobre a cultura cabo-verdiana:

Se Freyre elogiava tanto o tal “mundo que o português criou” – título, aliás, de um livro seu –, como se comprehende a sua repugnância por esta forma da língua engendrada pelo português nos trópicos? Seja como for, o crioulo “é a criação mais perene nestas ilhas. Tudo pode desaparecer ou modificar-se no arquipélago: conduta, trajes, mobilidades das classes; se não ocorrer um cataclismo, físico ou social [...], podemos ter a certeza de que, para me citar a mim mesmo, o crioulo está radicado no solo destas ilhas como o próprio indivíduo”. Baltasar Lopes critica ainda em Freyre a desvalorização literária e funcional do crioulo, acusando-o de despiciência e, indirectamente, de simplismo e falta de humildade (Medina,2000, p.58).

Observar essa crítica de Baltasar Lopes, é importante para percebermos como a visão sobre o intelectual brasileiro foi se moldando com o tempo, isso comprova o fato de que as teorias freyreanas serviram para os claridosos em um primeiro momento, quando a revista ainda estava despontando. Em meados da década de 1950, a visão sobre o intelectual não era mais tão favorável. Contudo não tem como negar a importância de Freyre para as primeiras movimentações da claridade, o seu contributo com a mestiçagem foi de suma importância para que as análises dos claridosos pudessem começarem a se concretizar. A cultura local foi sendo transferida aos manuscritos da revista Claridade com o intuito de valorização e construção da identidade cultural do arquipélago cabo-verdiano, as ideias de Freyre se fizeram presentes a princípio para que os Claridosos conseguissem entender melhor o processo de mestiçagem do arquipélago.

Todavia no rol das trocas culturais estabelecidas por Claridade, para além dos elos metropolitanos, a literatura brasileira ocupava lugar de destaque, sobretudo por oferecer a diretriz conceitual com que se empreenderá o movimento de descida à realidade cabo-verdiana (Salla,2014, p.107)

Com esse arcabouço teórico de Freyre e de outros intelectuais brasileiros, os intelectuais da Claridade buscaram fortalecer suas bases, e assim conseguir expressar seus argumentos sobre a cultura local, provocando uma grande movimentação a respeito das ideias da Identidade cultural/nacional cabo-verdiana. Esse processo de estabelecimento da cabo-verdianidade esteve presente durante todo o percurso da revista Claridade, concretizando assim a Claridade como um marco na literatura de Cabo Verde.

4. A PRIMEIRA FASE DA REVISTA CLARIDADE E SEUS IDEAIS IDENTITÁRIOS

Esse capítulo visa um aprofundamento a respeito das manifestações da Primeira fase da Revista Claridade, percebendo não só a intelectualidade da Claridade, mas também outras manifestações que tiveram relevância intelectuais no cenário do arquipélago. Iremos observar também a literatura e a imprensa como os protagonistas desse processo da Claridade, que buscava a valorização cultural do arquipélago de Cabo Verde:

Claridade – revista de arte e letras, foi lançada em março de 1936, na cidade de Mindelo, capital de São Vicente que, devido à fixação do Liceu nesta ilha, era o principal centro de emancipação cultural, social, político e literário da sociedade cabo-verdiana. O núcleo dinamizador desta revista era constituído por Baltasar Lopes (considerado o líder do grupo), Manuel Lopes e Jorge Barbosa. Estava assim lançada a era moderna da literatura cabo-verdiana (Monteiro, 2013, p.66).

Cabo Verde, se tornou mais fortemente um centro de movimentações intelectuais durante o século XX, os claridosos por sua vez tiveram um papel fundamental para que esse fato ocorresse. Os intelectuais Baltasar Lopes, Manuel Lopes e João Barbosa, lançaram a primeira edição da Revista em 1936, começando assim um longo trajeto dentro da Revista com discussões a respeito da cultura de Cabo Verde, perfilhando assim uma busca pela valorização da Cultura Local. “Ao fim do seu percurso, a Claridade teve nove números, dois em 1936, o terceiro em 1937, o quarto e o quinto em 1947, o sexto em 1948, o sétimo em 1949, o oitavo em 1958 e o último em 1960 (Resende,2015, p.79)”. Para adentrarmos o caráter da claridade, é imprescindível entender a face acadêmica dos intelectuais que inauguraram o debate literário da claridade:

No tocante à biografia dos três autores de mais nomeada nos alvores de Claridade, Jorge Barbosa e Manuel Lopes já se premuniam da experiência da escrita poética nas formas clássica e romântica, ao passo que Baltasar Lopes não se havia ainda estreado no fazer literário. Mas outras são as diferenças operativas. Jorge Barbosa dispunha de um curso de estudos secundários e de tempo ocupado nas atividades aduaneiras. Manuel Lopes havia seguido uma formação secundária autodidática, mas de tempo ainda mais ocupado na companhia telegráfica inglesa sediada em S. Vicente e algum tempo depois transferido para os Açores onde permaneceu cerca de dezesseis anos. Baltasar Lopes, ao tempo professor interino no Liceu de Mindelo, diplomara-se na Universidade de Lisboa, em Direito (1928) e em Estudos Românicos (1930), aliás, um brilhante aluno formado na escola do linguista e etnólogo, Mestre Leite de Vasconcelos (Carvalho,2021, p.33).

Entretanto antes da Claridade já havia algumas discussões literárias em Cabo Verde, porém:

Segundo alguns críticos, como Abdala Júnior, Manuel Ferreira, Pires Laranjeira [...] a história da literatura cabo-verdiana divide-se em duas fases: antes e depois da claridade (1936-1960). O antes caracteriza-se que, não tendo ainda “fincado os pés na

terra”, continuava virada para o universal, caracterizando-se assim, pela visão exterior da realidade (Monteiro,2013, p.10).

Com a ótica voltada mais a outras questões, “A literatura produzida antes da Claridade caracterizou-se por não se voltar tão fortemente para a realidade do arquipélago, sendo assim guiada pelos valores metropolitanos (Marques,2019, p. 257).” Entender esse cenário é importante, pois quando estudamos o ambiente literário de Cabo Verde, se concentra na Claridade. Porém devemos entender que antes desse movimento literário já existia discussões nesse âmbito, autoras como Roberta Alves e Taciana Resende, trazem uma abordagem sobre essa existência literária que veio antes da claridade, “O primeiro registro literário de Cabo Verde deu-se no século XVI com obras de autoria de André Álvares de Almada que escreveu, em 1594, a obra Tratados dos Rios da Guiné (Alves,2023, on-line).” É importante ressaltar ainda o papel da imprensa nesse processo:

[...] os estudantes José Lopes, Loff de Vasconcelos, Eugênio Tavares, Pedro Cardoso, Juvenal Cabral, Mário Ferro, Crosino Lopes, Augusto Miranda e José dos Reis Borges tiveram participação ativa no começo da imprensa em Cabo Verde, sobretudo na Revista De Cabo Verde com artigos de opinião e publicações literárias afetos aos temas do arquipélago e embebidos das ideias republicanas que floresciam naquele momento (Resende,2015, p.56).

O autor Helder Garmes, aponta que logo no princípio da imprensa em Cabo Verde (1842), a Revista de Cabo Verde existiu, e que apesar de um teor político, havia também uma preocupação com os problemas das ilhas (Garmes,2006, p.15). Essas afirmações trazem uma ideia de existência literária unificada com a imprensa. Então, com isso evidenciamos que não se pode negar a existência de uma escrita antes da claridade. Contudo, podemos observar que a Claridade trouxe um ideal que se tornou mais consolidado, focado nos aspectos regionais caboverdianos, problematizando e valorizando os aspectos culturais do arquipélago, além de trazer um sentimento de unidade nacional:

A partir dos anos trinta do século XX surge uma nova geração de intelectuais, que revelaram ter uma cultura própria e um posicionamento com fortes raízes na realidade cabo-verdiana. Dessa forma, a identidade nacional para os intelectuais Claridosos é a valorização do homem nascido no arquipélago de Cabo Verde, mas marcado pela predominância dos resíduos culturais europeus (Madeira,2014, p.156).

O ideal desse primeiro momento da Claridade tinha em sua base a busca por uma construção da “identidade Nacional” de Cabo Verde, realçando as características presentes no arquipélago. Uma das questões que foram postas logo na primeira edição da revista foi a língua Crioula como um dos principais aspectos da cultura de Cabo Verde. “Ela é o principal elemento

identitário do cabo-verdiano e, consequentemente, um dos fatores mais importantes da cabo-verdianidade (Madeira,2014, p.11)." Vale ressaltar que apesar de não ser a língua oficial falada, tinha todo o seu valor para os caboverdianos e os claridosos queriam mostrar esse valor para as demais sociedades, e isso é um fator primordial para entendermos o contexto da Revista. Diante das análises, os intelectuais claridosos acabaram descortinando a ideia de caboverdianidade, traçando um caráter mais consolidado sobre a identidade regional do arquipélago, e a língua crioula se destacava nessas discussões intelectuais:

Dessa maneira, ao publicar textos que trazem a língua cabo-verdiana nas falas de personagens dentro de um texto escrito na língua portuguesa, *Claridade*, ousa para os padrões da época (onde era predominantemente até então o uso da língua da metrópole nos textos escritos) e afirma a especificidade da identidade cabo-verdiana (Marques,2019, p.264).

Percebe-se uma combinação de ideias que realçam em sua aplicação a noção de uma comunidade nacional, que partindo da manifestação de intelectuais ganharam grande prestígio, e buscaram trazer além de tudo, uma emancipação da identidade cabo-verdiana. A busca pela identidade nacional de Cabo Verde, traz consigo uma questão a se refletir, pois se há uma busca por tal fator, o sentimento de nação já existia, ou ao menos estava em construção, e os intelectuais dentro do mundo das ideias, descortinaram esse sentimento em meio às discussões da Claridade, pautando a mestiçagem como um dos principais fatores que fez parte da sociedade caboverdiana: "Essa ‘fusão cultural’ numa mestiçagem geral é percebida por uma parte da intelectualidade cabo-verdiana como positiva, no sentido de que se teria constituído uma unidade nacional antes da implantação de um Estado nacional(Anjos,2003,p.581)."

4.1 A cultura Local sobre os “olhos” da Revista Claridade

A intelectualidade que estava inserida através da Claridade em Cabo Verde, propiciou explorações sobre as raízes culturais do arquipélago, resultando assim em um debate que perpassou várias décadas, e que até os dias atuais ainda tem sua relevância para entendermos o movimento sobre e identidade caboverdiana . Em uma época de colonização e consolidação de um governo Fascista em Portugal, os intelectuais da Claridade se destacavam por trazerem discussões importantes a respeito do seu povo, que muitas vezes não tinham suas vozes ouvidas.

De acordo com Paulo Madeira (2014), houve uma grande diversificação de intelectuais em Cabo Verde, dentro de diferentes épocas com contextos históricos diferentes, e além de tudo, com questões teóricas diferentes. Para descrever esse fato, podemos ver o seguinte:

Brito-Semedo (2006) destaca três principais gerações de escritores e pensadores, apontando nele diferentes períodos históricos: a do sentimento nativista, que vai desde 1856 a 1932; a da consciência regionalista, de 1932 a 1958, e a da afirmação nacionalista, desde 1958 até 1975. A primeira etapa ocorreu nos finais de oitocentos, com a ideia difundida da venda das colónias, o que representou o culminar da falta de interesse e abandono secular por parte da metrópole; a segunda ocorreu no início dos anos trinta do século XX, com a decadência do Porto Grande, situado no Mindelo, ilha de São Vicente, na consequência de uma crise mundial e o estabelecimento do Estado Novo; e a terceira teve lugar nos finais da década de cinquenta, com o surgimento do Partido Africano da Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC), aliada a crise do regime Salazarista(Madeira,2014,*p.152 apud* Semedo, 2006).

Através dessa citação, podemos perceber que o autor traz uma visão de que entre 1932 a 1958, houve uma busca sobre a afirmação das características regionais. Dentro desse tempo historiográfico, temos o desabrochar da Claridade sua perspectiva regionalista, “A construção identitária levantada por essa geração vai no sentido da edificação da identidade mestiça e regional (Madeira,2014, p.158).”

Pode-se observar que o período que antecede a Claridade, já havia uma classe intelectual em Cabo Verde. Pedro Monteiro Cardoso, Eugénio Tavares e José Lopes das Silva, São alguns dos nomes da intelectualidade caboverdiana, que antecederam a claridade, este último por sua vez estudou por um tempo no Seminário de ³Liceu de São Nicolau.

Em Cabo Verde, o século XIX testemunhou a germinação de uma geração de intelectuais formada em seu território (filhos da terra), no Seminário Liceu de São Nicolau (1866-1917) que conjugava, de acordo com o próprio nome, a formação do sacerdócio e da academia (Matos,2019, p.510).

Essa investigação é importante para compreendermos como se deu o processo de intensificação da intelectualidade em Cabo Verde, esse desenvolvimento literário e intelectual, teve a imprensa como aliada, pois esse era um dos caminhos a popularizar as demandas intelectuais, mesmo em um tempo em que a Censura era intensificada por Portugal. “Logo, o elo formado entre ensino-imprensa-literatura é indissociável e extremamente importante para que se possa compreender as especificidades da formação e desenvolvimento de uma literatura escrita em Cabo Verde (Marques,2019, p.256)”.

Segundo Taciana Resende (2015), houve uma viragem cultural em Cabo Verde no século XIX, e de acordo com Pedro Matos (2019), “ o Seminário de Liceu, possibilitou a

³ Tal organização escolar caracteriza-se pela divisão dos alunos em classes sucessivas correspondendo cada uma a um nível de estudos e, ao percorrer-las, a um curso traçado anteriormente dentro de um campo determinado de estudos. Essa forma de organização, que parece hoje perfeitamente natural, teve sua origem histórica nos Países Baixos, no fim da Idade Média, nas escolas dos irmãos da Vida Comum.

formação de uma elite letrada no arquipélago, viabilizando assim uma ascensão da cultura de ensino formal, por mais que houvesse um caráter mais eclesiástico no seu ensino, houve também a exploração de outros campos”. [...] foi o propulsor de dinâmicas culturais, políticas e intelectuais, para além de abrir caminho à formação de um estrato escolarizado que implementou larga produção, abrangendo poesia, ficção, ensaio e jornalismo (Neves2008, p.25).”

A autora traz a educação aplicada pelo Liceu (formação primária e secundária) como um dos motivos que influenciaram essa viagem cultural.. O Seminário de Liceu, teve o seu papel, houve dentro do Ensino do Liceu a preocupação com o caráter intelectual do arquipélago.

Para além de todos esses factos, torna-se também incontornáveis os resultados globais alcançados à escala da Província: o Seminário Contribuiu para ajudar a ultrapassar os problemas de caráter espiritual, intelectual e educacional da sociedade caboverdiana; forjou no seu seio o caminho contundente a percepcionar as assimetrias de uma sociedade martirizada pelos efeitos de secas e fomes cíclicas[...] (Neves,2008, p.170).

Partindo para os pressupostos da Primeira fase da Revista Claridade, entendemos que houve também uma preocupação com a constituição dos traços culturais de Cabo Verde. A intelectualidade que foi se fortalecendo com o passar do tempo, trouxe para o seio da Claridade, uma maior preocupação de como a cultura caboverdiana deveria ser mais valorizada, para sua constituição nacional formando a sua ideia de nação. Devemos ressaltar ainda que a cultura do arquipélago trazia em seu alicerce a musicalidade, a gastronomia, a língua própria, e a literatura, e esses fatores foram valorizados dentro da Revista. Além desses fundamentos, o início da Claridade trouxe um olhar mais profundo sobre algumas problemáticas pertencentes ao arquipélago, como podemos perceber:

As temáticas desses intelectuais repercutiam as angústias do povo cabo-verdiano, principalmente as longas secas, subsequentes fomes, mortes e extrema miséria presenciadas no arquipélago. Isso incitou a nova geração a defender esse povo, com o pressuposto de afirmar a identidade cabo-verdiana e, por consequência, a sua autonomia. Esta elite narra, através dos seus poemas, o cenário vivido nestas pequenas ilhas dispersas no arquipélago, onde todos sentiam as penúrias nesta época, que acabaram por dizimar um bom número da população de Cabo Verde (Madeira, 2014, p.157)

Esse olhar mais criterioso sobre a realidade do arquipélago foi um diferencial dentro da Claridade, e isso deve ser levado em conta, pois, essa situação de Cabo Verde era um problema muito marcante, principalmente a questão da seca que se alastrava no território caboverdiano. “Os claridosos lançaram mão das características do espaço e das camadas populares para estabelecer uma tradição literária ligada aos problemas do meio (Carneiro; Silva,2014, p.26)”.

Como podemos notar a seguir, essa questão da seca, entre outras questões, era pautada dentro do diálogo intelectual pertencente a Claridade:

Tratava-se, no caso dos escritores cabo-verdianos, de voltar-se para o espaço do arquipélago, com a sua realidade humana e cultural: a insularidade, o oceano a perder de vista, os ritmos populares, a mistura étnica (crioulidade), a língua crioula, a seca e a fome, a exploração, a emigração, a falta de empregos e oportunidades. Estes viram-se a um posicionamento entre a aceitação pura e simples da dominação e da imposição, estética e política, de modelos da metrópole ou a “tomada de consciência”, a valorização da realidade regional, humana, enquanto fonte de inspiração para a elaboração literária (Marques,2019, p.257 *apud* Coimbra, 2012, p. 120).

Essa preocupação com a realidade de Cabo Verde, se tornou um dos principais manifestos da primeira fase da claridade. “[...] os autores estavam preocupados com narrativas de caráter popular e a forma de viver do homem cabo-verdiano, assim como uma poesia que tinha o evasãoismo e a terra castigada como temas principais (Mendes,2022, p.152 *apud* Moniz 2009).” Devemos ressaltar brevemente, que Cabo Verde passava por uma grande recessão causadas pela seca, e em meio a problemática do Estado Novo português com a colonização sobre o arquipélago, aumentavam problemas:

Foram várias as crises agrícolas provocadas pelas estiagens. No século XX, de 1902 a 1904, o arquipélago foi castigado pela primeira de muitas, com um saldo de 15 mil mortos, numa população de 145.706 habitantes. Em seguida, a crise de 1920-1922, com 17 mil mortos numa população de pouco mais de 159 mil (Resende,2015, p.72).

Mas para além desses aspectos já ressaltados, também se tinha uma preocupação por parte dos intelectuais com outras características do arquipélago considerando que a cultura de Cabo Verde se formava por muitos fatores. Alguns dos fatores culturais caboverdianos se destacam como por exemplo; a Literatura, a música, a dança e a língua de Cabo Verde. Dentro desses aspectos da literatura teve grande papel na cultura local, como já destacamos um dos mais importantes movimentos literários de Cabo Verde o movimento da Claridade. Contudo a cultura literária de Cabo Verde não se fechava apenas a esse movimento, havia outras vertentes literárias que se fizerem presente nos ilhéus:

A literatura oral caracterizada pelo seu conteúdo simbólico comprehende uma variedade tão grande de “estórias” que para uma maior facilidade da sua arrumação foram agrupadas em ciclos. São conhecidos os ciclos do Ti Lobo, do Chibinho e da Ti Ganga, as “estórias” em que entram a Mã Pêxe Cabalo (personagem feminina), a Sirena (Sereia), Bulimundo (força hercúlea) e do Boi dourado e muitas outras de cujo fundo sobressaem familiares e crenças mágico-religiosas com mensagens didácticas e moralizantes (Ferreira,1997, p.28).

Entender esses aspectos culturais de Cabo Verde é importante para refletirmos sobre qual contexto estamos lidando, levando em conta os aspectos principais que faziam parte da cultura do arquipélago quando a Claridade se fez presente. Além dos aspectos literários, devemos compreender também sobre os aspectos musicais que faziam parte das manifestações culturais, ao exemplo disso temos a morna, que se tornou uma das mais importantes expressões culturais de Cabo Verde:

A morna, criação musical entendida como o expoente máximo da sensibilidade se um povo, canta, através de vozes individuais, a *sôdade*, a partida para a *terra-longe*, a ternura, a morabeza, as virtudes, os dramas, a solidão e a expressão de sentimentos coletivos [...] (Ferreira,1997, p.28).

Para compreendermos melhor a conjuntura da Morna, podemos trazer como exemplo um trecho da música “Sodade”⁴ que Cesaria Évora interpreta, “Nascida em Mindelo, ilha São Vicente, em Cabo Verde, é a cantora de maior reconhecimento internacional do País, também conhecida como “A diva dos pés descalços” (Biografias de Mulheres Africanas,2021).” Ao longo de sua carreira musical, buscou a partir da segunda metade do século XX, trazer intepretação de Mornas, ritmo musical que faz parte da cultura local de Cabo Verde:

Quem mostra bo es caminho longe?⁵ Quem
mostra bo es caminho longe?
Es caminho pa São Tomé

Sodade
Sodade
Sodade
Des nha terra, São Nicolau

Si bo screve m',
M' ta screve bo
Si bo squece m'
M' ta squece bo
Até dia qui bo volta (Cabral; Morais,1992)

“A música é tomada pelos cabo-verdianos como uma forma de apresentação do arquipélago ao mundo (Dias,2012, p.92).” Mas além da Morna, tiveram outras expressões

⁴ **Tradução para da música “Sodade” para o português:** Esse longo caminho? Quem te mostrou esse longo caminho? Esse caminho para São Tomé? Saudade, saudade, Saudade Da minha terra de São Nicolau, se me escreveres, eu te escreverei, se me esqueceres, eu te esquecerei, até o dia que voltares (Cabral, Morais,1992).

Tradução retirada do site: TRANSLATE, Francisco. LYRICS TRANSLATE; 17 Dez 2013. Disponível em: <https://lyricstranslate.com/pt-br/sodade-saudade.html>. Acesso em: 25 Mai 2024.

⁵ Site onde foi retirada a letra da música: LETRAS; LETRAS.COM. Disponível em: <https://www.letras.com.br/cesaria-evora/sodade#discografia=39192>. Acesso em: 23 Mai 2024.

musicais, que faziam parte do contexto cultural do arquipélago caboverdiano, enriquecendo assim a cultura Regional:

Das várias formas de expressão musical, salientamos: a coladéra e o funaná, traduzindo humor, a sensualidade e a alegria; a tabanca, da ilha de Santiago, executada, em ritmo repetitivo, por mulheres, utilizando tambores, búzios, cornetas, panos; o pilão da ilha do fogo; o finaçom, de origem essencialmente africana; o Colá S. Jon, utilizando tambores que se repercutem até à exaustão por ocasião da festa de S. João[...] (Ferreira,1997, p.28-29).

Washington Mendes (2022), aponta a literatura da Claridade como um rompimento de alguns paradigmas da base colonial portuguesa. De fato, essa reflexão é importante, pois houve uma diferenciação da Claridade das demais literaturas, tinha-se um caráter de cobranças e uma busca por afirmação cultural de Cabo Verde. Um dos fatores que ganhou destaque, foi o uso da língua local nos periódicos da Revista, isso pode ser entendido como uma insatisfação com a utilização apenas do Português como língua oficial falada. “Os claridosos desde o primeiro número da Revista Claridade foram inovadores ao romper com os paradigmas de uma escrita que tinha português como idioma oficial e por isso, digno de ser utilizado por quem desejasse demonstrar ter prestígio intelectual (Mendes,2022, p.153).”

Acreditamos que a Revista Claridade trouxe um caráter inovador e de suma importância dentro do ambiente de colonização no qual Cabo Verde estava inserido, porém não houve um rompimento total com os metropolitanos, pois era quase inviável, tendo em vista que na década de 1930 o Fascismo estava crescendo em Portugal e no Mundo, e o autoritarismo influencia diretamente os colonizados. Mas isso não tira o mérito de inovação dos claridosos, de fato as analogias dos intelectuais fizeram a diferença para o arquipélago de Cabo Verde.

Além disso, devemos levar em conta também a seguinte questão, como já foi trabalhado no capítulo anterior, percebemos que os intelectuais da Claridade tinham além da preocupação com o arquipélago, uma ideia de manter um diálogo com a Metrópole, sendo assim não podemos afirmar que houve um rompimento na primeira metade do século XX com o poderio lusitano. Devemos compreender também que os intelectuais da Claridade se sentiam inseridos em duas realidades distintas, a Metropolitana e a Caboverdiana, sendo assim a ligação se mantinha. “A ruptura com o Estado colonial e a reivindicação nacionalista só se dá na década de 60, quando o crescimento do número de intelectuais em Cabo-Verde esbarra na ausência de espaços de inserção e ascensão nos quadros da administração colonial (Anjos,2003, p.590).” Antes disso havia uma via de mão dupla, ao tempo em que se tinha uma preocupação com a

população caboverdiana, havia também um diálogo com os metropolitanos, a colonização era muito presente:

Realce-se que estávamos em pleno Estado Novo, constitucionalmente consagrado em 1933, mas cujo perfil político-ideológico começara a desenhar-se logo após o golpe de maio de 1926, com a censura à imprensa, e a adquirir contornos mais claros em 1930, com a publicação de um dos mais expressivos dispositivos legais da colonização portuguesa contemporânea, o Acto Colonial (Fernandes,2006, p.143).

A língua crioula, foi um dos principais fatores de manifestação da cultura de Cabo verde, pois mostrava que apesar dos moldes da influência que houve da Europa, a língua portuguesa não prevaleceu completamente com a colonização, e que a mestiçagem trouxe essa possibilidade de geração de uma língua própria do arquipélago (Marques,2019).

O crioulo é, portanto o resultado da união de diferentes povos trazidos às ilhas pelo mar. O mar é o lugar que simboliza as transformações e os renascimentos das realidades. Por ter nascido no contexto colonial português, o crioulo passou por um processo sociolíngüístico até tornar-se a língua materna cabo-verdiana, que hoje busca lugar de reconhecimento nas ilhas e nas comunicações diáspóricas (Brito,2022, p.217).

Esses fatores citados, são fundamentais para entendermos a cultura de Cabo Verde, porém não podemos generalizar, pois entendemos que há variações culturais dentro do arquipélago, os fatores trabalhados pela Claridade são os parâmetros da dimensão do ambiente sociocultural caboverdiano, e que apesar da cultura europeia influenciar a Cabo Verde através da colonização, se criou diversos fatores culturais próprios em Cabo Verde, e as primeiras edições da Revista trazia em seus moldes muitos desses aspectos socioculturais:

Observamos, logo no número inicial da Claridade, a opção do grupo por abri-lo apresentando um texto- em crioulo- referente ao batuque, manifestações africanas identitária da ilha de Santiago. No campo das tradições musicais presentes na revista, logo no segundo número, publicado também em 1936, está presente – além de estudos sobre a “língua” caboverdiana e a apresentação de contos populares como “O Lobo e o Chibinho” - o texto de Xavier da Cruz, “Venus”, uma “morna” grafada em crioulo. É importante lembrar que a morna é considerada como uma tradição pertencente a todas as ilhas e traço de identificação de caboverdianos dispersos pelo mundo (Rocha, 2010, p.72).

Como foi citado acima, o Conto “O Lobo e o Chibinho”⁶ foi um dos contos populares que estiveram presentes nos primeiros periódicos da Revista Claridade, trazendo consigo a realidade do arquipélago. Essa estória traz um panorama sobre Cabo Verde, nesse caso em

⁶ **Conto tirado do site:** SOARES, Júlio. O lobo e o Chibinho. CONTAFRICA.2012. Disponível em: <https://contafrica.org/es/index.php/?contes/conte-pt/lobu-ku-xibinhu#storyHeader>. Acesso em: 24, Mai,2024.

específico, temos a fome como um fator que causou muitos problemas em Cabo Verde, através da grande estiagem que houve no arquipélago.

Meu tio, é fácil. Oiça, para a figueira se abaixar até à nossa altura, dizemos “Figueira, dixi, dixeti!”, a figueira desce, e nós subimos. Para a figueira subir, dizemos “Figueira, subi, subeti!” e ela sobe. Então, o Chibinho ordenou à figueira para descer, eles subiram e, de novo, ordenou para subir, a figueira subiu, e começaram a comer figos. Era ainda manhã, quando começaram a comer figos. A certa altura, o Chibinho disse: — Tio, já é noite!... É hora de irmos para casa! Vamos e voltemos amanhã! — Se quiseres, vai sozinho, porque eu não vou! Eu tenho que desfarrar de toda a fome que já passei! Não vou a lado nenhum. Chibinho disse-lhe: — Meu tio, vou-me embora (Contafrica,2012).

A cultura regional caboverdiana teve sua expressão logo no início da Revista Claridade, os ensaios populares transcreviam com a visão dos intelectuais, aspectos da cultura de Cabo Verde. Com isso tinha-se uma busca por emancipação cultural, pois elencaram fatores que mostravam que sua cultura era própria, e que apesar da mestiçagem trazer aspectos europeus para dentro da sociedade caboverdiana, houve a consolidação de uma cultura local (com aspectos portugueses sendo mais bem aceitos).

O discurso sobre a construção de um imaginário nacional foi se construindo em Cabo Verde, aí entra justamente a ideia de Gabriel Fernandes que traz o papel do intelectual como sendo alguém primordial nesse processo. Entretanto a historiografia tem em geral uma ideia de que a busca por emancipação de uma colônia, está ligada apenas nos moldes europeus, porém, “as discussões sobre a nação e o nacionalismo precisam resgatar essa peculiaridade nacionalista do colonizado, ao invés de partir do pressuposto de que ele é um simples reproduutor e/ ou repositório dos construtos nacionalistas dos países centrais (Fernandes, 2006, p.37).”

4.2 Identidade Nacional no contexto da primeira Fase da Revista Claridade

Os periódicos da Primeira fase da Claridade que foram publicados entre 1936 e 1937, tinham como foco, a discussão da cultura de Cabo Verde, como já foi trabalhado, esse tópico visa discutir essas abordagens que foram colocadas nesse período, mas além disso trazer uma discussão sobre a emancipação nacional do arquipélago, problematizando esses aspectos como um princípio que pode ter influenciado a independência do arquipélago em 1975. Para nos apropriarmos do estudo sobre o discurso posto na primeira fase da Claridade, podemos observar detalhadamente os aspectos que se faziam presentes nos manuscritos da revista:

São elucidativas as páginas de rosto dos três números do 1º ciclo, conotadoras da afirmação desafiadora da autoridade. Desconcertando a hegemonia da língua portuguesa, o nº 1 apresenta três textos em crioulo, populares, de tradição oral, um do género lantuna e dois do género batuque (batuque, aliás, interditado pela autoridade colonial a pretexto de ofensa aos bons costumes). O nº 2 expõe ainda um poema em crioulo, mas já pertencente ao género nacional, a morna, do tão festejado poeta Xavier da Cruz, conhecido pelo nome B'Leza. E o nº 3 apresenta, em português, o poema de grande efeito realista, de Manuel Lopes, desmistificador das ilusões sobre as virtudes dos espaços “míticos” da emigração, cujas vantagens económicas custavam o sacrifício das relações de solidariedade cultivadas na mãe-terra cabo-verdiana (Poema que merece ser tomado por genuína proclamação do antievacionismo)(Carvalho,2021,p.33).

Temos que ressaltar que, a primeira metade do século XX trazia consigo diversos eventos marcantes no mundo, a Primeira Grande Guerra (1914-1918), o início da década de 1930, antecede também a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), além dos Fascismos que traziam em seu caráter o totalitário, como foi o caso de Portugal, “O facto é que a partir de 1933, se institucionalizou em Portugal um regime que, como adiante se verá, rapidamente evoluiu da ditadura autoritária para o fascismo(Rosas,2019,p.255).” com isso tem-se uma grande recessão econômica mundial:

O contexto do surgimento da revista Claridade se dá em meio às consequências da grande depressão de 1929. Cabo Verde, um país em que o índice de emigração é extremamente relevante, não poderia se furtar a sentir os reflexos causados pela crise econômica mundial (Rocha,2010, p.72).

Esses eventos impactaram o mundo, pois foram períodos complexos, e em meio a essas questões, devemos trazer também o nacionalismo, que apesar de não se falar muito sobre esse aspecto na década de 1930, ele se fez presente dentro das sociedades europeias. “A Primeira Guerra Mundial e o esfacelamento dos velhos impérios continentais da Europa assinalaram o triunfo não só da democracia como e de modo mais duradouro do nacionalismo (Mazower,1998, p.52-53). Essa perspectiva apresenta o nacionalismo como um fator de destaque, e que prosperou, pois:

Onde o Estado devia sua soberania ao “povo” e o “povo” era definido como uma nação específica, os que acreditavam no princípio da autodeterminação nacional só podiam ver como vergonha, ameaça ou desafio a presença de outros grupos étnicos dentro de suas fronteiras (Mazower,2001, p.53).

Sob essa análise, percebemos um caráter de concretização nacional que se aplicou na Europa durante a Primeira Guerra e no pós-guerra, através do nacionalismo. É importante percebermos fatores que podem de fato ter trazido um triunfo do Nacionalismo: “[...] foi o resultado de dois fatores não internacionais: o colapso dos grandes impérios multinacionais da

Europa central e oriental e a Revolução Russa, que fizeram os Aliados preferiram os argumentos wilsonianos aos bolcheviques (Hobsbawm,2011, p.148-149)”.

Como parâmetro da Europa no século XX, o Nacionalismo se liga mesmo que indiretamente com Cabo Verde, pois dentro desse contexto entra a percepção do nacional, que está relacionado às discussões presentes na Revista Claridade, “ Como em tantos outros contextos, também no caso cabo-verdiano os intelectuais foram verdadeiros arquitetos do nacionalismo, atores sociais diretamente implicados na produção da nação(Dias,2019,p.28.)”

Os Percussores da Claridade, trazem uma ideia de unificação, e isso é importante, pois como diz Benedict Anderson, O nacionalismo é uma construção (Anderson,2008). Mas antes de nos adentrarmos nessas questões, antes que entender a relação entre nacionalismo e nação, para tal fato temos que compreender a ideia de nacionalismo:

Nacionalismo é o sentimento de considerar a nação a que se pertence, por uma razão ou por outra, melhor do que as demais nações e, portanto, com mais direitos, sendo manifestações extremadas desse sentimento[...] Nacionalismo é, também o desejo de afirmação e de independência política diante de um Estado estrangeiro opressor ou, quando o Estado já se tornou independente, o desejo de assegurar em seu território um tratamento pelo Estado melhor, ou pelo menos igual, ao tratamento concedido ao estrangeiro, seja ele pessoa física ou jurídica(Guimarães,2008,p.145).

A nação, é uma projeção que se ligou a perspectiva da primeira fase dos claridosos, tendo em vista que, essa questão tenha vindo bem cedo no arquipélago. De acordo com Marques (2019, p.37) “Donde, também, o fato de, em Cabo Verde, paradoxalmente, a nação ter antecedido o Estado, ainda que a consciência dessa realidade tenha surgido bem mais tarde.”

Com os claridosos, foram elencados diversos aspectos culturais do arquipélago justamente dentro desse aspecto de nação, como já foi apontado anteriormente, para compreendermos esse fator que era trazido pela claridade, devemos perceber a ideia de nação presente na claridade:

[...] Os Claridosos concentrariam seus interesses nos assuntos relacionados às ilhas. Segundo Baltasar Lopes, um dos fundadores da claridade da revista, o programa do grupo claridade estava orientado pelo seguinte lema: fincar os pés na terra”. Era necessário olhar para os problemas e a vida do povo de Cabo Verde- suas tradições, seus costumes, suas dificuldades. No processo político-intelectual de construção da nação em cabo-verdiana, portanto, o primeiro passo consciente e explícito era o direcionamento do olhar para a cultura que particularizava esse povo. O programa dos fundadores da revista incluía ainda o estudo da formação social das ilhas. Em um momento de construção da nação, a ideia de resgatar as raízes e (re)construir seu mito de origem era central no embasamento da unidade nacional (Dias,2019, p.29).

A cultura local era uma das grandes preocupações desses intelectuais, pois a ideia de consolidação nacional se dava através desses aspectos, pois eram particularidades culturais do povo caboverdiano, e a consolidação da caboverdianidade dependia desses fatores culturais, e

até mesmo das problemáticas enfrentadas pelos ilhéus. Essa ideia de compartilhamento cultural é interessante para entendermos o pano de fundo da ideia de nação:

Nação, em seu sentido político moderno, é uma comunidade de indivíduos vinculados social e economicamente, que compartilham certo território, que reconhecem a existência de um passado comum; que têm uma visão de futuro em comum; e que acreditam que esse futuro será melhor se se mantiverem unidos do que se separarem, ainda que alguns aspirem modificar a organização social da nação e seu sistema político, o Estado (Guimarães,2008, p.145).

Entender esse panorama da Claridade é viajar fortemente pela cultura e pelos problemas locais do arquipélago. Além disso tem-se um deslocamento da visão do português, não que isso anule a influência do colonizador sobre o colonizado, mas os intelectuais queriam ir além disso, e mostrar que ser colônia, não era apenas ser um local de aculturação. Mas que dentro de uma colônia havia uma sociedade com seus valores, suas ideias e suas culturas. Mesmo sofrendo influência da cultura metropolitana, tinha-se uma cultura nativa formada. Não podemos negar que a mestiçagem aconteceu em Cabo Verde, e houve influências dos africanos e dos Europeus para a unificação de uma cultura caboverdiana.

Cabo Verde foi povoado durante o processo de colonização. Suas ilhas eram inhabitadas até a chegada dos portugueses, no século XV.⁶ Formado por um conjunto de dez ilhas, o arquipélago, durante o período colonial, recebeu influências de diversas metrópoles coloniais, assim como de outros povos do continente africano – principalmente guineenses, pela proximidade geográfica em relação às ilhas caboverdianas – que foram trazidos como escravos pelos portugueses para de lá serem transportados para diversos países da Europa e para as Américas. Por ser um estratégico entreposto comercial de escravos, localizado entre o continente africano e a Europa, as ilhas de Cabo Verde eram ponto de passagem para muitos outros países colonizadores da África. Isto fez com que viesse a ter uma configuração populacional bastante diversificada (Mourão; Rodrigues,2008, p.197-198).

Essas abordagens mostram bem como se deu a formação social no arquipélago, trazendo os europeus e os africanos como responsáveis por essa constituição. O grupo claridade, buscava trazer uma discussão sobre a formação identitária do arquipélago, manifestando as tradições culturais como foco principal dessas discussões, e gerando o perfil da caboverdianidade. De acordo com Rocha (2010, p.72) “Embora a revista Claridade ainda não constituísse instrumento de veiculação das ideologias nacionalistas [...] a ênfase na apresentação de aspectos culturais e regionais das ilhas [...] traçará bases para estabelecer o que chamamos de caboverdianidade.

Por conseguinte, percebemos a Cultura crioula como fator de destaque dentro das manifestações intelectuais da Claridade, com isso gera-se uma busca pela identidade do povo de Cabo Verde, percorrendo o campo político e literário. O campo literário, trouxe uma visão

sobre a mistura social do arquipélago, como principal fator gerador de uma consciência sobre a crioulidade. Já no quesito político, apesar de não ser o foco principal dos claridosos, cria-se a ideia de unidade nacional já presente no arquipélago. A ‘Identidade nacional é vista como um construção político-discursiva e objeto de disputa nos diferentes campos que estruturam a formação social cabo-verdiana (Furtado,2012, p.165).

É importante observarmos que a Revista Claridade foi criada por intelectuais, que nos auxilia a entender a construção de ideias, que emergem muitas vezes sobre a caracterização de seu ambiente, ou povo, trazendo consigo muitas incertezas e desafios. Entretanto, os intelectuais da claridade desenvolveram um papel primordial na construção de diálogos importantes, como foi no caso de Cabo Verde, onde teve-se uma tentativa de trazer a cultura crioula como precursora em Cabo Verde, através da literatura: “Instituir-se como porta voz do ‘povo’ constitui-se, a partir daí na forma de realização literária do intelectual cabo-verdiano (Lobo,2015, p.134).”

A incitação que é posta por Andréa Lobo, reflete bem a caracterização do intelectual, e principalmente da Revista Claridade, pois mostra a perspectiva da elite letrada ao tentar traçar um diálogo com a metrópole justamente para mostrar o valor cultural do povo caboverdiano. De toda forma, entendemos que houve todo um aparato intelectual, que possibilitou uma interlocução sobre a identidade do arquipélago caboverdiano. Ainda na década de 1930, os intelectuais da claridade conseguiram manifestar suas ideias, essa discussão sobre emancipação cultural começou a ganhar força. De acordo com Gabriel Fernandes, tanto os nativistas como os claridosos estiveram envolvidos em uma luta emancipatória que buscava desmontar as bases da colonização, para assim poder trazer para dentro do arquipélago uma ideia de nação caboverdiana (Fernandes,2006).

É interessante essa analogia, pois entendemos que houve um impacto dessa literatura dentro do ambiente do arquipélago, como até mesmo de Portugal, pois os intelectuais apesar de buscarem desmontar as bases coloniais de sua sociedade, ainda mantinham aspectos metropolitanos:

No contexto da colonização lusa, a questão esteve em definir os limites da especificidade e o âmbito da inclusão, daí a importância da noção de civilização regional, dotada de singularidade, mas pertencente a uma ideia expandida de Portugal além de suas fronteiras (Resende,2015, p.75).

O fator principal em questão é observar à modalidade que foi criada para desenvolver uma manifestação intelectual que foi capaz de gerar discussões imprescindíveis dentro do arquipélago, e fora dele também. Essa modalidade foi uma união entre autores, que resolveram

se unir, e discutir um assunto que não era tão falado ou questionado e assim causaram grandes impactos na literatura Cabo-verdiana.

“Através da cabo-verdianidade o povo ilhéu construiu sua identidade cultural, social e política, o que constituiu objeto de análise por parte do movimento Claridade, que a revista de mesmo nome valorizou e conseguiu expressar em seus números (Marques,2019, p.262).” Houve uma força muito grande por parte desses intelectuais, uma busca ativa por incentivos que fizessem o próprio povo de Cabo Verde tomar consciência da sua riqueza cultural, e se sentirem pertencentes a uma unidade nacional.

Esses aspectos sobre o pertencimento nacional, se enquadram na ideia de discussão de Gabriel Fernandes, que enxerga a nação como uma unidade de pertencimento a determinado meio social com características socioculturais, que se encaixam dentro de um padrão homogêneo, mas ao mesmo tempo reconhece as características heterogêneas dentro de uma sociedade (Fernandes,2006). As ideias do autor, se interligam também a de Benedict Anderson, quando se tem uma discussão sobre a importância do capitalismo editorial e da linguagem impressa:

Nesse processo de capitalismo editorial terá exercido papel decisivo, tornando às pessoas pensarem sobre si mesmas e relacionarem-se com outras de maneira profundamente renovada. Dele terão emergido as línguas impressas mecanicamente reproduzidas, passíveis de disseminação pelo mercado, e que, segundo Anderson, lançaram bases para a consciência nacional (Fernandes,2006, p.14).

Então a Claridade surge como uma guia que traz os moldes culturais de seu povo, de uma forma bastante expressiva. As publicações em língua portuguesa da Revista Claridade, trouxeram um ideal de unidade para os cabo-verdianos. A busca pela identidade de Cabo Verde, esteve ligada a cultura local, e a formação social através das análises dos claridosos, pois o que é transscrito nos periódicos, é uma análise destes intelectuais da revista. Há em sua base identitária uma face homogênea, porém com um viés de heterogeneidade, que condiz justamente com a mestiçagem, ou seja, há um sentimento de nação através de uma cultura formada através da mistura de outras. Nisso entendemos que, na analogia dos intelectuais da Claridade realça-se as manifestações culturais provenientes do arquipélago, e isso é interessante, pois o sentimento de nação se liga justamente à essas manifestações:

A tomada de consciência nacional foi-se processando ao longo do tempo, com o progressivo crescimento de uma nova cultura, que englobava a língua, a literatura, a religião, a música, a dança e o modo de sentir e pensar, distanciando-se cada vez mais dos padrões preconizados pelo colonizador (Madeira,2014, p,10).

É interessante percebermos a força e o sentimento que se instalou em Cabo Verde, principalmente através da literatura e dos intelectuais, possibilitando assim o despertar de uma unidade cultural no arquipélago, ainda no período em que a colonização se fazia presente. Assim não foi suficiente e todo um processo de limitações que o Estado Novo português aplica sobre seus colonizados. O processo pautado pela primeira fase dos claridosos é de manifestar uma cultura com bases heterógenas, que se transformaram na cultura singular caboverdiana, expressando os mais diversos aspectos culturais.

Tomamos como pressuposto teórico que toda afirmação de identidade nacional é situada histórica e estrategicamente, dependendo da situação vivida pelos indivíduos. Nesse sentido, também, consideramos que o conceito de nação é marcado historicamente por ideias sintetizadoras. Soberania, progresso, democracia, território, língua, raça, etnia, religião são conceitos e categorias que deram suporte teórico para diferentes formulações acerca da ideia de nação (Mourão; Rodrigues,2008, p.192).

As expressões intelectuais em Cabo Verde, moldaram um sentimento de unidade nacional, e isso se fez presente dentro da primeira fase da Claridade, essas manifestações são consideradas importantes, pois abriram caminho a uma luta pela liberdade, e pela independência, e por mais que os movimentos nacionalistas só ganhem mais força em Cabo Verde na década de 1950, os claridosos começaram essa discussão ainda na década de 1930.

Contudo, entendemos que os intelectuais fizeram um papel fundamental para manifestar a cultura de Cabo Verde, o sistema colonial apesar de estar interligado a Claridade não se fez preponderante nesse percurso, pelo contrário, cada vez mais foram se quebrando os aspectos autoritários dos portugueses sobre a sociedade de Cabo Verde, possibilitando, com muita luta por parte dos caboverdianos, uma independência do arquipélago em 1975. Ressaltando a importância da intelectualidade de 1950, para esse processo, e todos os movimentos de ideais independentistas, já nessa década :“O discurso emblemático sobre a nação, que apresenta traços fortes com o continente africano, encerrava o significado de que era a altura certa da ruptura, tornando a nação livre, com hábitos característicos e liberta da opressão e da administração colonial (Madeira,2014, p.17)”. Ressaltamos que a revista Claridade fez parte do despertar cultural de Cabo Verde, e de uma busca pelo sentimento de unidade nacional, porém não foi responsável pela independência do arquipélago, apenas esteve presente nessa trajetória.

No que tange a unidade nacional, temos que entender que durante a primeira fase da claridade, essa questão ainda estava sendo construída nas discussões, pois o discurso da elite letrada da época buscava compreender a importância dos aspectos culturais de Cabo Verde, mas ainda não tinham se desprendido da cultura portuguesa, ainda havia um teor muito forte da

cultura portuguesa na sociedade caboverdiana. Ao exemplo disso temos a língua portuguesa, que é a língua oficial utilizada em Cabo Verde, apesar da valorização da língua Crioula no arquipélago.

O que queríamos demonstrar é que os claridosos não trouxeram logo no início a ideia de uma nação consolidada, era uma ideia em construção. Os valores da identidade do arquipélago ainda estavam sendo discutidos, pois a ideia de nação não abrange todas as características de um povo, a consolidação tende a ser homogênea, mesmo uma sociedade, como era o caso dos caboverdianos, um grupo ainda muito heterogêneo. Além disso ainda se tinha, a mestiçagem que foi a forma de criação da sociedade em Cabo Verde.

Quando se tem uma colonização, tem-se uma dominação, e isso interfere diretamente sobre a forma como a sociedade colonizada irá agir. E quando se tem a mestiçagem, têm-se a influências diversas na cultura, política, e sobre a forma como se constrói a identidade de um povo. Nessa análise sobre a unidade nacional, concordamos com a ideia de Anderson Benedict (2008), pois o autor traz a nação como uma comunidade imaginada, e essa abordagem se adequa ao discurso dos claridosos, tendo em vista que o papel dos intelectuais foram de trazer uma emancipação cultural de Cabo Verde, porém com um caráter singular da sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar a circulação do conceito de Lusotropicalismo, (criado por Freyre) dentro das manifestações políticas de Salazar, além disso houve uma busca pela compreensão de como as ideias de Gilberto Freyre rondaram e influenciaram as manifestações dos intelectuais da Primeira Fase a Revista Claridade. E constatamos também como se deu a operação dos claridosos sobre a identidade cultural de Cabo Verde.

Os resultados obtidos indicam que o lusotropicalismo teve um papel significativo dentro das ambientações coloniais do Governo de Antônio Oliveira Salazar que pendurou de 1933 a 1968. Vale ressaltar que não podemos ter cegamente uma opinião que mostre Freyre como um apoiador do Governo de Salazar, mas sim um autor que criou um conceito que foi útil a Portugal em um momento em que os portugueses precisavam de um novo discurso, para se sobressair diante das pressões externas. Essas pressões eram pelo fato que em Portugal se mantinha um

império em um momento em que os países estavam aderindo às democracias, no Pós-Segunda Guerra.

Houve uma confirmação da expectativa inicial, do uso do conceito para benefícios do governo de Salazar. É importante nós nos atentarmos para o lusotropicalismo, levando em conta que o conceito teve como pano de fundo a colonização do Brasil, porém não houve um controle por parte do intelectual brasileiro sobre a utilização do seu conceito.

Então essa inserção dentro dos aspectos políticos de Portugal, esteve mais ligada a interesses do governo, tendo em vista que Freyre já era renomado internacionalmente no Pós Segunda Guerra. Sua ideia de colonização pautada no Brasil, serviu de argumento ao governo, pois a argumentação utilizada era de que a colonização pautada pelos portugueses funcionava, e a formação da sociedade brasileira era um exemplo disso. “A definição de civilização lusotropical de Freyre encontrou respaldo e ganhou força tanto em Portugal quanto em Cabo Verde, no movimento claridoso (Resende,2015, p.104).”

Ao adentramos essas questões, percebemos que o papel da mestiçagem se fez presente desde as primeiras obras de Gilberto Freyre, passando assim a influenciar um forte debate em Cabo Verde, através da Revista Claridade. Isso não significa, no entanto, que o conceito de mestiçagem tenha acompanhado a Revista Claridade durante toda sua existência, pois foram surgindo novas perspectivas dentro do grupo, porém há a compreensão de que esse discurso foi significativo para o entendimento sobre a formação da sociedade caboverdiana.

Gilberto Freyre foi referência aos claridosos em um primeiro momento, pelo fato de a mestiçagem fazer parte das analogias do intelectual. Porém como foi trabalhado, nos pós 1945, o discurso da mestiçagem já não era tão significativo para os claridosos. E o pós 1950 as falas dos intelectuais sobre a cultura do arquipélago apresentaram uma desilusão, pelo fato de que Freyre trouxe uma maior valorização do contributo português em detrimento à cultura caboverdiana.

Contudo os resultados encontrados, foram de que o lusotropicalismo causou fortes impactos no campo político e literário, em uma época de censura e repressão aplicadas pelo governo português. Com isso, as ideias do pernambucano foram úteis, para um movimento que despontava com um caráter inovador e que buscava a valorização cultural do arquipélago de Cabo Verde.

As discussões sobre a cultura de Cabo Verde são um ponto importante a se pensar tendo em vista que para os ilhéus havia uma variação cultural, mas a partir do momento que os claridosos começam a discutir alguns dos aspectos da cultura de Cabo Verde, como a língua crioula, e a musicalidade, percebe-se a construção de uma unidade nacional. Ou seja, uma homogeneização do carácter cultural do arquipélago. Tendo em vista que o sentimento nacional foi despontando na sociedade caboverdiana, e com isso tem-se o que se chamou de caboverdianidade.

Uma unificação sociocultural, que segmentou grandes discussões, “Já o modelo claridoso. Insinuando-se regionalista, tinha uma propensão nacionalista. Ou seja, partindo da peculiaridade cultural cabo-verdiana, volta-se para a consagração dos cabo-verdianos no universo nacional, colonial lusitano (Fernandes,2006, p.154).” Porém com as influências da colonização as bases culturais portuguesas ainda se mantinham intensas, tendo em vista que a Revista Claridade não buscava de início uma quebra do vínculo com a Metrópole, mas sim a busca por um diálogo que interligasse os “Filhos da terra” com os metropolitanos.

Este estudo contribui fortemente para o campo da historiografia, principalmente para a historiografia africana, pois traz na sua base as manifestações intelectuais que possibilitaram uma maior visibilidade a Cabo Verde, tendo como maiores aliados a literatura e a imprensa. Contudo encontramos algumas limitações, como é o caso do acesso aos manuscritos da Revista Claridade, o qual não tivemos. O acesso a esses manuscritos poderia ter nós trazido um maior aprofundamento sobre as falas dos intelectuais da Claridade.

Futuras pesquisas poderiam adentrar mais sobre os aspectos da claridade, e buscar principalmente uma análise de todas as edições que foram lançadas, e quais os principais impactos causados através da Revista, após a década de 1950.

Em suma, este trabalho alcançou maior parte dos seus objetivos, principalmente a respeito da relação entre Gilberto Freyre e os ideais políticos de Salazar, e a perspectiva sobre a influência das ideias dos intelectuais que fundaram a claridade, e fizeram relativas discussões ao longo dessa primeira fase.

REFERÊNCIAS

Fontes:

CASTELO, Cláudia. “**O modo português de estar no Mundo; O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)**”. Edições afrontamento/ rua Cabral,859/ Porto. Biblioteca de Ciências do Homem,1998, p.05-166.

FREYRE, Gilberto. **Um Brasileiro em Terras Portuguesas: introdução a uma possível tropicologia**. Rio de Janeiro: É Realizações, 2010.

LEME, Rafael Souza Campos de Moraes. “**Absurdos e Milagres: um estudo sobre a política externa do Lusotropicalismo (1930-1960)**”. Brasília: fundação Alexandre de Gusmão,2011, p.7-159.

RESENDE, Taciana Almeida. “**“Isso não é África, é Cabo Verde”**”.1° edi. Rio de Janeiro. Editora Multifoco,2015, p.17-191.

VILLON, Vitor. **O Mundo Português que Gilberto Freyre Criou: seguido de diálogos com Edson Nery da Fonseca**. Rio de Janeiro: Usina de Letras, 2010.

Referências Bibliográficas

ANJOS, Carlos Gomes dos. “**Elites Intelectuais e a Conformação da Identidade Nacional em Cabo Verde**”. Estudos Afro-asiáticos, Ano 25, n° 3, p.579-596,2003.

ALVES, Roberta M.F. **A literatura em Cabo Verde**. Minas gerais, Literafro,2023. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafricanas/literatura-cabo-verdiana/1558a-literatura-de-cabo-verde-roberta-maria-ferreira-alves> . Acesso em: 20 Mai 2024.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**; tradução Denise Bottman, São Paulo: Companhia de Letras,2008.

BENEDICT, Ruth. O Crisântemo e a Espada: padrões da cultura japonesa. Editora Perséctiva, São Paulo,1972. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/202813755/BENEDICT-Ruth-Ocrisantemo-e-a-espada-pdf> . Acesso em: 18 Abri 2024.

ALMEIDA, Maria Luisa Nabinger de. **A ditadura salazarista: uma introdução**. 2.ed.atual— São Paulo : Editora Mackenzie, 2014,-- (Coleção Academack; v. 25)

BURKE, Maria Lúcia Garcia Pallares. “**Gilberto Freyre um Vitoriano dos trópicos**”. São Paulo: editora Unesp,2005, p.15-481.

BURKE, Peter. “**Gilberto Freyre e a Teoria Pós-colonial – um Diálogo de Surdos.**” In: CASTELO, Cláudia; CARDÃO, Marcos (orgs.) *Gilberto Freyre – Novas Leituras do Outro Lado do Atlântico*. São Paulo: EdUSP, 2015.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. Companhia das letras, São Paulo, p.09-403,1992.

BRITO, Geni Mendes de. **O Crioulo cabo-verdiano: Língua de resistência das ilhas e do mar. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras.** São Francisco do Conde (BA) v.2, n2°, p.215-229. Jul/dez,2022.

CASTELO, Cláudia. **Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre.** Instituto de Investigação Científica Tropical, Blogue de História Lusófona/ ano VI/, p.261-280, setembro 2010.

CASTELO Claudia. **No encalço de Gilberto Freyre pelo último império português (1951-1952).** Lisboa,2021, p.25-48.

CASTELO, Cláudia. Prefácio à presente edição. In: **FREYRE, Gilberto. Um Brasileiro em Terras Portuguesas.** Rio de Janeiro: É Realizações, 2010, p. 13-30.

CARVALHO, Alberto. **Claridade: movimento de emancipação cultural e ideológica caboverdianas.** Revista Língua-lugar, Portugal, Lisboa, Vol.1°, n 3 p.25-43, junho,2021.

DIAS, J.B. **Música Cabo-verdiana, Musica do Mundo.** África em Movimento IV. Indd 85. 2012, p.85-104.

DURÃO, Gustavo de Andrade. **“Lusotropicalismo no mundo Português”: olhares cruzados acerca de Gilberto Freyre na História colonial Lusitana.** Intellèctus, ano XXI, n.1,2022, p.16-36.

ÉVORA, Cesária. Sodade. Miss Perfumado [CD]. Paris: Lusiafrica, 1992. Faixa 1.

LETTRAS.COM. Disponível em: <https://www.letras.com.br/cesaria-evora/sodade#discografia=39192>. Acesso em: 23 Mai 2024.

FERREIRA, Lígia Évora. **Cabo Verde.** Universidade Aberta Palácio Ceia, Rua da Escola Politécnica,147,1250 Lisboa, p.13-92,1997.

FERNANDES, Gabriel. **Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo.** Editora EdUFSC, Ciências Humanas,2006.

FURTADO, Cláudio Alves. **RAÇA, CLASSE E ETNIA NOS ESTUDOS SOBRE E EM CABO VERDE;** As Marcas do silêncio. Afro-Asia, n45, p.145-171,2012.

FREIXO, Adriano de. **“ECOS DO LUSO-TROPICALISMO: A PRSENCIA DO PENSAMENTO DE GILBERTO FREYRE NO DISCOURS DA LUSOFONIA”.** Textos & debates, Boa vista, n.27, v.2, p. 471-484, jan./.2015.

FILHO, J.L. **Mestiçagem, emigração e mudança em Cabo Verde.** África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, São Paulo2010, Pp, 29-30.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Nação, nacionalismo, Estado.** Estudos avançados, n 22, p.145-159,2008.

GARMES, Helder. **O pioneirismo político e literário da Revista de Cabo Verde.**

SCRIPTA, Belo Horizonte, v.10. n 19, p.15-24,2º sem,2006.

GODOY, G.L. **Colonização e descolonização: fundamentos da dominação Ocidental e perspectivas de transformação.** Rev. Sociologas Plurais, v.7, n.1, p.387-410, jan,2021.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780.** Programa, mito e realidade. Ed especial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

LOBO, Andréa. **Construindo paisagens e pessoas: colonização, espaço e identidade em Cabo Verde.** Anuario Antropologico, Brasília , UNB,2015,v. 40, n, 2: 221-150.

MARTINHO, Francisco Carlos P. “**A ordenação do trabalho e a nostalgia do Império: o Estado Novo Português e as razões do consentimento (1933-1974).** In: A Construção Social do Regimes Autoritários. Europa. Rio de Janeiro; Civ. Brasileira,2011, p.285-259.

MARQUES, Simone Donegá. **Revista Claridade O “Fincar os pés na terra” Caboverdiano.** GARRAFA, Vol. 17, n 50, outubro-dezembro, p.247-272,2019.

MADEIRA, João Paulo. **O processo de construção da identidade e do estado Nação em Cabo Verde.** Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas, Minas Gerais, Nº 06, p. 0123, novembro,2014.

MAZOWER, Mark. **Continente Sombrio.** Feis, São Paulo: Companhia das Letras, p.09453,2001.

MATOS, Dandara Silvia. “**Os movimentos de independência em África, caso de estudo o movimento anticolonialista (MAC).**” Revista Eletrônica Discente História.com, Cachoeira, v.6n,11, p.76-86,2019. Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHI.) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

MATOS, Pedro de Andrade. **Uma claridade sobre o homem do trópico: A Revista Claridade e o Lusotropicalismo.** Revista Estudos Políticos, Vol.6 /N.2,2019.

MELO, Alfredo Cesar. **Hibridismos Indomáveis:** Possíveis Contribuições da obra de Gilberto Freyre para uma teoria pós-colonial lusófona’. Luso-Brazilian Review, Volume 51, Number 1, 2014, pp. 68-92 (Article).

MEDINA, João. **Gilberto Freyre contestado: o lusotropicalismo criticado nas colônias como álibi colonial ao salazarismo.** Revista USP, São Paulo, n.45, p.48-61.

MENDES, W.C.S. **CLARIDOSOS VERSUS GILBERTO FREYRE: PERCEPÇÕES SOBRE A E EUROPEÍSMOS EM AFRICANIDADES CABO VERDE.** In: JÚNIOR, R.B.; SILVA, T.R.; SOUSA, B.W. (org.) **África-Brasil: cultura, experiências e questões raciais no sul global.** SÃO LUÍS,2022. p.152-170.

MONTEIRO, Adilson Emanuel Viera Varela. **A CLARIDADE E A ASSUNÇÃO DA**

REALIDADE CABO-VERDIANA: OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE, DO CLARIDOSO MANUEL LOPES, ENTRE A FICÇÃO E REALIDADE DO ARQUIPELAGO.2013. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Estudos Portugueses, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal, Lisboa,2013. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrEburgCUFmNX4o3hzz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzIEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1715567200/RO=10/RU=https%3a%2f%2fccore.ac.u%2fdownload%2fpdf%2f305082718.pdf/RK=2/RS=RPNod4V_YgHPA_V15wzIrJQtPoY-. Acesso em:12 Mai 2024.

MOURÃO, D.E.; RODRIGUES, L.C.; Trânsitos identitários: a formação de nacionalidades em Cabo Verde e Guiné-Bissau. Tem. Mundo, Fortaleza, v.4, n.6, jan/jul.2008.

NEVES, Baltazar Soares. O seminário-Liceu de S. Nicolau. Edi,1°, Novembro,2008. Disponível em: <https://africanos.eu/index.php/pt/publicacoes/livros-electronicos-e-b/e-bceau/426-o-seminario-liceu-de-s-nicolau-contributo-para-a-historia-do-ensino-em-caboverde>. Acesso em: 02 Mai 2024.

NEVES, Baltazar Soares. **O seminário-Liceu de S. Nicolau.** Edi,1°, Novembro,2008. Disponível em: <https://africanos.eu/index.php/pt/publicacoes/livros-electronicos-e-b/e-bceau/426-o-seminario-liceu-de-s-nicolau-contributo-para-a-historia-do-ensino-em-caboverde>. Acesso em: 02 Mai 2024.

PINTO, João Alberto da Costa. “**Gilberto Freyre e a intelligentsia salazarista em defesa do Império Colonial Português (1951-1974)**”. História, São Paulo,28(1) 2009, p.445-482.

PEREIRA, Daniel António. **Aventura e rotina e Baltasar Lopes ou a adiada identificação africana de Cabo Verde.** Via Atlantica, São Paulo, n.22, 2012, p. 27-42.

RAMPINELLI, Waldir José. “**Salazar: Uma longa ditadura derrotada pelo colonialismo**”. Lutas Sociais, São Paulo, vol.18 n 32, p.119-132, jan/ jun.2014.

ROSAS, Fernando (2019). **Salazar e os Facismos.** Ensaio Breve de História comparada. Lisboa: Tinta da China.

SAVOIE, Philippe. **CRIAÇÃO E REIVENÇÃO DOS LICEUS.** História da educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 22, p. 9-30, mai/ Agosto 2007.

ROCHA, Elisangela Aparecida da. **ENTRE TRADIÇÕES CRIOLAS E MODERNIDADE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CABOVERDIANA NA REVISTA CLARIDADE.** Caderno Cespuc, Belo Horizonte, N.19, p.71-80,2020.4.

TOLEDO, Julia Neves. **A civilização lusotropical de Gilberto Freyre: uma síntese cultural lusófona.** Dissertação(mestrado)-pontifica Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de história,2019.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **Do saber colonial ao luso-tropicalismo: “raça” e “nação” nas primeiras décadas do salazarismo**, In: MAIO, M.C., and SANTOS, RV., orgs. Raça, ciência e sociedade [online]. Rio de Janeiro: editora FIOCRUZ;CCBB, 1996,pp. 84-106. ISBN: 978-85-7541-517-7. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/djnty/pdf/maio9788575415177-06.pdf> . Acesso em: 25 Mai 2024.

TOHMAZ, Omar Ribeiro (2002). **O bom povo português: antropologia da nação e antropologia do império**. In: L “LESTOILE, Benoit de; NEIBURG, Federico; SIGAUD, Lygia(orgs). **Antropologias, Impérios e Estados Nacionais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ.

SALLA, Thiago Mio. **A Revista Claridade e o discurso Freyreano: regionalismo e aproximação entre a elite letrada cabo-verdiana e a metrópole portuguesa nos anos 1930**. Via Atlântica, São Paulo, N.25, p. 103-117, Jul/2014.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **“Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas**. Campinas, SP: Papirus,2002. - (Coleção Textos do Tempo).

SILVA, Rafaela Moura. **“PORTUGAL E GILBERTO FREYRE: UMA FORMULAÇÃO SOBRE O ESTADO NOVO SALAZARISTA (1940-1953)**. 2022, p.7-45. História da África, Universidade Estadual do Piauí, São Raimundo Nonato.

SILVA, V.K, SILVA.M. H, **DICIONÁRIO DE CONCEITOS HISTÓRICOS**. Editora contexto, São Paulo, 2. Ed., 2 reimpressões. – São Paulo: Contexto,2009.